



121-

TRÜBNER & CO.,  
60, Paternoster Row,  
LONDON.



1145266-39

# **AMOR E SAUDADE.**



# AMOR E SAUDADE.

---

POESIAS

DE

←  
J. R. D'OLIVEIRA SANTOS,

Fundador do Gabinete Portuguez de Leitura, no Maranhão.

---

PUBLICADAS POR GERMANO MARTINS D'ASSUMPÇÃO.



**SAN'LUIZ:**

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz, 4.

**1863.**



**AO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA, NO MARANHÃO.**

*Offerece*

**O AUTOR.**



Nasci na pequena aldêa de São Vicente de Pereira, provincia da Beira, reino de Portugal, aos 2 de março do anno de 1832, e não obstante ser meu pae um pobre jornaleiro de enchada, o meu nascimento foi saudado pelo ribombo da artilharia; obsequio que devo aos Srs. D. Pedro IV, e D. Miguel I!

Tenho portanto hoje, 14 de julho de 1863, trinta e um annos, quatro mezes e doze dias, o que já não é pouco! Até aos seis annos de idade não tenho lembrança do que fiz, mas sei que dos seis até aos doze era obrigado a trabalhar como um mouro, para obter um pedaço de brôa, que nem assim abundava muito na casa onde nasci.

Nessa idade, isto é, aos doze annos, comecei a ter desejos de vir para o Brasil, não só para me livrar da maldita enchada, como tambem no intuito de ganhar algumas patacas, com as quaes, mais tarde, regressando ao meu torrão natal, fizesse estalar de inveja os ricos da minha freguezia. Uma das cousas que me fervia na ideia, se chegasse a voltar com alguma fortuna, era transformar logo a pobre choupana em que nasci n'uma linda casa de sobrado, comprar os campos que confinavam com a nossa *curtinha*, e fazer de tudo uma rica quinta, com cujo rendimento passasse uma vida de Lopes!

Tinha tambem na ideia fazer um pombal e um jardim como os de um certo capitão que lá havia, e outras miudezas mais, de que agora não me recordo.

Para realisar, porem, este projecto, era mister, (ao menos eu assim o pensava) saber assignar o meu nome, e decifrar, bem ou mal, uns certos garranchos, que os entendores chamavam letras.

Communiquei pois a meu pae este grandioso plano, e pedi-lhe e roguei, com toda a eloquencia que estava ao meu alcance, que me mandasse ensinar a lêr, (ejá não era sem tempo!) porém este coçou a cabeça muitas vezes, encostou-se ao cabo da enchada, calculou, tornou a calcular, e por fim declarou sólemnemente que muito desejava satisfazer o meu empenho, mas que não podia pagar ao mestre! Nesse tempo ainda na aldêa não havia escola regia.

Isto desconcertou completamente, como se pôde suppôr, os meus planos de grandeza futura.

Olhando para a bella casa, quinta, pombal e jardim do capitão, nosso visinho, dizia com as lagrimas nos olhos: Nada! Eu nunca heide chegar a possuir cousas assim! Que loucura! Quem nasce para o pouco não pôde aspirar ao muito! . . .

A esse tempo exercia o emprego de *Guarda dos Montes* um rapaz, chamado, se me não engano, José Marques da Silva, o qual, mais feliz do que eu! sabia lêr e escrever.

Encontrei-me com elle um dia, e fiz-lhe uma triste narração do que se havia passado.

O dito rapaz era dotado de um coração bemfasejo, e como o seu emprego não requeria muita assiduidade, offerceo-se logo para me dar duas lições por dia, mediante a quantia de 120 reis por mez. É a pura verdade! Fui immediatamente dar tão boa nova a meu pae, e instar novamente para que me mandasse ensinar a lêr. Como a despeza não era de escandalizar, desta vez, oh! felicidade! elle annuo ao meu pedido. Metteram-se mãos á obra, e não

é nada! ao cabo de um anno o mestre deu por prompto o discipulo, declarando com toda a ingenuidade, que era elle um talento, um verdadeiro portento de comprehensão, como na aldêa não havia outro!

Se este livrinho tiver a fortuna de lhe chegar ás mãos, elle terá a satisfação de ver que não se enganava!

Depois de tão solemne declaração, restava saber como se havia de obter o dinheiro para uma passagem á prôa do navio! Foi meu pae fallar a este respeito com um primo meu, o Sr. Manoel Pinto da Cunha, excellentem homem, que depois de ter seguido a vida commercial em Pernambuco, foi obrigado por molestia a retirar-se para Portugal, e fixou a sua residencia na nossa freguezia. Este prometteo escrever logo a meu tio residente no Maranhão, pedindo-lhe que me mandasse vir para a sua companhia, pagando-me a passagem e mais despezas, visto que meu pae não tinha meios para o fazer.

Effectivamente escreveo, e com tanta habilidade se houve no pedido, que a resposta foi completamente affirmativa.

Eu mesmo li á minha familia aquella carta, e confesso que o coração se me apertou, considerando que dentro de poucos mezestinha de deixar, talvez para sempre! aquelles lugares onde vivia, é verdade, na mais extrema pobreza, mas aonde tinha visto a luz do dia, e onde deixava as affeições mais claras! . . .

Dahi a alguns mezes segui effectivamente para a cidade do Porto para embarcar com destino a esta cidade, o que teve lugar a 4 de fevereiro de 1847 a bordo da barca *Nova Aurora*, (que Deus haja!) e a 28 desse mesmo mez entrava eu a barra do Maranhão com 15 annos incompletos, excellentes disposições para ganhar dinheiro, melhores ainda para regressar ao meu torrão natal, e nenhuma absolutamente para fazer um dia gemer os typos!

Para não contristar demasiadamente o leitor, omitto os choros da despedida, e os tormentos infernaes que passei

nos compridissimos 23 dias de viagem, aquartellado na prôa da *Nova Aurora!* . . .

No dia 1.º de março, (não deve esquecer nenhuma data em tão importante biographia,) desembarquei na rampa do Trapiche, entre a surriada, já se sabe! de quantos alli se achavam 1; e nesse mesmo dia fui investido no emprego de caixeiro na casa de meu tio,

Nesse tempo a liberdade para a classe caixeiral era ainda letra morta, e posto que em breve começou a raiar para muitos, talvez por influencia das idéas republicanas que nesse tempo dominavam em França, para mim ella não raiou senão no fim de quatro ou cinco annos de caixeiro, posto que eu, sinceramente o confesso, não era dos que menos detestava o despotismo!

Porém que fazer? Submetter-me como a Hungria nesse tempo se submetteo á Austria, como a Polonia hoje não pôde deixar de submetter-se á Russia, se não houver quem se condôa della! A reclusão em que eu vivia, opprimia-me, cançava-me, mas se alguma vez me lembrava de sacudir o jugo, lembrava-me tambem logo da enchada, e isso me fazia moderar o enthusiasmo.

Para meu entretenimento das 6 horas da tarde, em que se fechava o estabelecimento, até ás 9 da noite, foram-me dados alguns livros que eu devia lêr, por força ou por vontade. O primeiro que me cahio nas mãos foi o *Manual Encyclopedico*, o que aqui consigno para gloria do Sr. Monte-verde, e o segundo foi *Paulo e Virginia*; aquelle desembaraçou-me na leitura, pois eu lia apenas soletando, e isso mesmo com muita difficuldade: e este fez-me derramar copiosas lagrimas, o que prova evidentemente que o autor do *Amor e Saudade* tem um coração sensivel.

Emfim dos 16 para os 17 annos já eu escrevia isento de

1 Inclusive alguns patricios meus, que querendo passar por engraçados, mostram apenas que são muito asnos.

alguns erros, e já fazia minha quadrazinha de vez em quando, que mostrava em segredo a algum rapaz meu conhecido.

Aos 18 annos o gosto pela poesia tinha feito em mim consideraveis progressos, e eu ardia em desejos de fazer gemer os typos com alguma producção do meu éstro poetico, mas não me animava a mandar os meus trabalhos para periodico algum, porque me parecia infallivel a recusa delles.

Os rapazes a quem eu mostrava as minhas producções achavam-nas excellentes, e animavam-me para as mandar publicar. Um dia de manhã, um entregador de gazetas deixou no armazem o primeiro numero do jornal o *Globo*, cujas columnas eram franqueadas pela redacção a todas as pessoas que quizessem ajudal-a na parte litteraria e noticiosa do mesmo jornal. Tomei logo aquelle convite como dirigido a mim, e animado pela franqueza que a redacção apregoava, metti mãos á obra, e escrevi a primeira poesia desta collecção, que tem por titulo *Portugal*.

Em chinellos mesmo, e em cabello, como estava no armazem, corri á typographia do *Globo*, e entreguei-a ao proprio redactor, que me respondeo: *deixe ficar*: sem mesmo desdobrar o papel.

Ferido no intimo d'alma pela indifferença com que era tratado aquillo que tanto trabalho me havia custado, arrependia-me mil vezes de a haver largado das mãos. Deu-me vontade de a tomar novamente e vir recital-a no circulo dos rapazes meus conhecidos, que de certo lhe prestariam mais attenção; e neste proposito olhava ainda alternadamente, ora para o papel, ora para o redactor, quando este me bradou de novo: *deixe ficar*!

Não havia remedio senão obedecer! Retirei-me pois, e, com poucas esperanças de bom exito, aguardei o resultado.

Sahiram dous numeros e nada! Já não contava mais vel-a publicada, quando me appareceo o redactor, e depois

de me comprimentar com summa affabilidade, me perguntou d'onde eu era natural, que idade tinha, ha quantos annos estava no Brasil, etc., etc. Confesso que fiquei estupefacto, e não pouco amedrontado com taes perguntas, pois me parecia que estes appontamentos não podiam deixar de ser para me dar alguma tunda na primeira occasião.

O bom do redactor, porém, fallava-me com ar tão risinho, tão sincero e agradável, que de nenhum modo se conciliava com o fim sinistro que eu receiava. . .

Emfim respirei, quando, depois das minhas respostas, elle concluiu com estas melodiosas palavras: *Pois senhor, a sua poesia está muito boa e amanhã sahirá no Globo.*

Aguardei impaciente a vinda do jornal, e calcule o leitor qual seria a minha admiração, quando ao recebê-lo, deparei com a minha poesia precedida do seguinte artigo da redacção:

«A poesia que em seguida publicamos foi-nos enviada por um nosso amigo, joven de 18 annos.

«As primicias do seu estro dedicou-as á sua patria. Os primeiros sons da sua lyra foram em honra de seu paiz natal.

«Congratulamo-lo pela sua feliz inspiração, e pela propriedade com que soube cantar as virtudes, e gloria passada, e chorar o actual abatimento de uma Nação heroica.

«Finalmente a sua poesia revela aquelle amor patrio, nunca desmerecido em um Beirão.

«Continue o Sr. O. Santos a cultivar uma arte tão sublimè, e para a qual mostra tanta propensão. E esperamos não seja esta a ultima vez que enriquecerá as columnas do nosso jornal com as suas producções, posto que conhecemos que a sua incompativel posição actual lh'o não permite. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> «O Sr. O. Santos exerce a profissão de caixeiro ha seis annos que aqui se acha e em uma casa onde ha sempre bastantes affazeres.»

«Não esmoreça porém; e faça por conciliar da melhor maneira que poder a obrigação com a inclinação.

«O seu ensaio já é uma prova do que pôde fazer-se, quando se possui genio, e ha vontade decidida.»

[Do «Globo» n.º 8.]

Confesso que ao ler um tal artigo me considerei um gigante, e que tudo em volta de mim me parecia pequeno e acanhado!

Eu, miserrimo e obscuro caixeiro, de que ninguem fazia caso: eu, que só o vêr minhas producções em letra redonda me parecia um sonho, vêr elogiados os meus trabalhos, e por um homem que escrevia para o publico, que redigia uma gazeta!?

Decididamente sou poeta, dizia eu! Não ha que duvidar. Sou uma dessas intelligencias privilegiadas, de que tenho ouvido fallar.

Sou um talentaço, como dizia o meu mestre, o Sr. José Marques da Silva. O genio bafejou-me no berço, a inspiração brilha-me na fronte, e o meu nome já pertence á posteridade! A aldêa de São Vicente de Pereira se tornará celebre d'ora avante, por me ter dado o nascimento! Portugal todo se hade orgulhar de me ter por filho, e o Maranhão dirá com desvanecimento que foi aqui que eu fiz a minha estreia!...

Em cada pessoa que eu encontrava, imaginava um admirador do meu talento poetico, em cada individuo que olhava para o armazem, via um curioso que desejava conhecer-me, e o meu orgulho e enthusiasmo subio de ponto, quando, dahi a poucos dias, vi no mesmo *Globo* um soueto, (que vae no fim deste volumesinho), em que o Sr. Manoel Ferreira Freire me saudava a proposito da minha poesia, intitulado-me: *Ameno e muito esperançoso poeta portuguez!* E não menos ainda quando vi a minha producção transcrita no *Correio da Tarde*, do Rio de Janeiro, e *Braz Tizana*, do Porto.

Entendi que era necessario fazer por continuar a merecer o apreço em que eram tidos os meos trabalhos, e furtando ás minhas obrigações de caixeiro todo o tempo que podia, dediquei-me á poesia em corpo e alma.

Escrevi uma chusma de versos; e era tal o desejo que tinha de os vêr logo publicados, que nem os corregia, nem delles deixava copia, tendo-se por isso extraviado alguns, de que o leitor certamente terá grande pena, pois com isso soffreram as letras uma perda irreparavel! Influenciado, naturalmunte, de um lado pelas ideias democraticas, que nesse tempo estavam em voga, e de outro lado pelo apouquentamento em que os patrões traziam os caixeiros, escrevi a poesia intitulada—*Um Sonho democratico*—pela qual me dedicou o Sr. Dr. Francisco Antonio Cesario de Azevedo, de Pernambuco, outra poesia, que vae tambem no fim da collecção, e que, appraz-me confessal-o aqui, muito melisongeou, por ser de um entendedor da arte, que nem me conhecia, nem comigo teve nunca relações, posto que, não me illudindo acerca do merecimento daquella minha producção, tenho para mim que o Sr. Dr. Cesario de Azevedo se apaixonou unicamente das ideias contidas nella.

Seja, porém como fôr, é certo que o meu orgulho e enthusiasmo, com estes elogios, e com a transcripção que das minhas mesquinhas producções fizeram alguns jornaes quer em Portugal, quer no Brasil, tinha chegado ao ponto culminante; e como d'alli não podia subir mais, começou a descer, como geralmente acontece a todas as cousas. A reflexão, proveniente do desenvolvimento que ia tendo o meu espirito, começou a mostrar-me o pouco ou nenhum merito das minhas pobres producções, e a fazer-me vêr que ainda quando em mim houvesse, na verdade, tal ou qual vocação para a poesia, jámais eu poderia sabir de um acahadissimo circulo, visto que não possuia a menor instrucção, sabendo apenas que a grammatica *era um livro!*

Desejei aprender, mas nem tinha tempo, nem meios para o fazer, visto que de um mesquinhissimo ordenado, que muito mal chegava para me vestir, ainda eu tirava o que podia para mandar a minha familia.

Os poucos livros que eu podia obter por emprestimo, nenhuma instrucção me traziam, sendo pela maior parte romances francezes; e esses mesmos já estavam esgotados.

Recorri aos livreiros, e, não podendo comprar as obras, aluguei algumas a dous mil reis por cada exemplar, mas além de ser o aluguel exorbitante para as minhas posses, a leitura devia ter lugar no curto prazo que elles entendiam dever marcar.

Nestas circumstancias emprehendi ousadamente a creação de um Gabinete Portuguez de Leitura, á semelhança dos que havia nas provincias do sul; e auxiliado efficazmente neste proposito por alguns rapazes meus amigos, e principalmente pelos Srs. José Nogueira Pinto, hoje residente no Porto, e João Vicente Ribeiro, dentro em pouco tempo foi installado <sup>1</sup> esse utilissimo estabelecimento, que hoje conta cerca de tres mil volumes, e entre elles não poucas obras de bom cunho.

É hoje a primeira livraria do Maranhão, e tendo desaparecido a opposição mal intencionada que se lhe fez no começo, o que não deve admirar, porque todas as cousas, ainda mesmo as mais uteis, a encontram sempre no seu principio, são concordes, brasileiros e portuguezes, em reconhecer a sua utilidade, e confessar os beneficos resultados que tem produzido, e hade sem duvida continuar a produzir. É esta pois a unica façanha de que eu verdadeiramente, e com razão, me glorio, e offerecendo ao Gabinete Portuguez de Leitura este meu pobre e mesquinho trabalho, espero que os seus accionistas, desculpando a insignificancia da offerta, a acceitarão unicamente como uma

1 A 9 de Outubro de 1853.

prova da dedicação e amor, que ainda consagro áquelle estabelecimento, para cuja creação dei os primeiros passos.

Voltando, porém, ao meu proposito honrado, como dizem os aldeões da minha terra, direi que apesar da leitura assidua que fiz das obras do Gabinete, que me salvou da usura dos livreiros, achei-me no fim de algum tempo na mesma penuria de conhecimentos, na mesma difficuldade de exprimir as minhas ideias e pensamentos; e nem podia deixar de ser assim, visto que me faltava a base essencial, o alicerce do edificio, o conhecimento methodico da lingua.

Resolvi-me portanto a aprender a grammatica portugueza, e a lingua franceza, se me fosse possível, e de commum accordo a este respeito com outros rapazes, que tambem desejavam aprender, foi chamado para nos ensinar, em uma das salas do referido Gabinete, o intelligente professor e meu amigo, o Sr. Henrique Eduardo Costa, a quem aqui dou os meus sinceros agradecimentos pela muita paciencia que teve comigo, e pelos esforços que empregou para me encaixar no bestunto não só o conhecimento d'aquellas duas linguas, como mais tarde o da ingleza. Apesar porém da boa vontade e esforços do intelligente professor, apenas adquirir de tudo que tentei aprender um conhecimento muito superficial, não só por achar muito agros semelhantes estudos, (não sei se a todos acontece o mesmo), como por me faltar o tempo para aprender qualquer cousa a fundo.

Assim, pois, fiquei na mesma quanto aos conhecimentos que ambicionava adquirir, estou ainda na mesma, e provavelmente continuarei a estar na mesma, e sempre na mesma! . . .

Perdidas, portanto, as esperanças de chegar a ser um poeta mediocre, estou fazendo a diligencia por ser ao menos um soffrivel negociante. . .

Eis aqui, leitor amigo, a vida do autor do *Amor e Saudade*, narrada com toda a singeleza e verdade! Se depois do que fica exposto, achares pessimos os seus versos, (o que

é muito natural) lembra-te, (perdôa a confiança), que muitos, com os conhecimentos delle, a educação delle, e a vida delle, não os fazem melhores; e outros com conhecimentos muito superiores aos delle, educação muito diversa da delle, e outra vida que não a delle, não os fazem tão bons!

¿ E para que os publicas, se tu proprio lhe reconheces a falta de merito? dirá o leitor.

Respondo que não éra minha intenção publical-os, e de mais a mais reunidos n'um volume; que nunca me passou pela ideia fazel-o; que nunca o faria, se o Sr. Germano Martins d'Assumpção, Guarda do Gabinete Portuguez de Leitura, não empregasse, para o conseguir, as maiores instancias, obrigando-se a fazer a publicação por sua propria conta, e dizendo-me que o não privasse do pequeno lucro que elle disse contava tirar.

O leitor já sabe, pelo conhecimento que lhe dei da minha vida, que sou dotado de um bom coração. Não pude pois resistir, vendo na proposta do Sr. Germano dous proveitos: um, esse lucro que elle conta tirar e que eu muito estimo se realise, e outro, o ficar eu, sem muito trabalho, com a collecção das minhas producções, boas ou más, (é o queahi está!) reunidas em um volume, nitidamente impresso, como costumam ser todas as obras que cáem nas mãos do Sr. Beralmino de Mattos.

Em contraposição a estes dous proveitos, não vejo mal algum que de uma tal empreza possa resultar, a não serem os chorados dous mil reis, que custa cada volumesinho destes, e que o Sr. Germano exige com inalteravel serieidade, e sangue frio, como quem está convencido da gravidade do caso.

Mas com uma quantia tão redicula, (para uma tal obra!) creio que o leitor não ficará empobrecido, se é rico, nem passará de pobre, se já o é. De mais o primeiro póde lêr a obra ao menos uma vez como expiação dos seus peccados, que é muito provavel que os tenha, e o segundo que a

aleia tantas quantas julgar necessario para desforrar o seu dinheiro.

Concluindo, (e já não é sem tempo!) permitta-me o leitor que aqui transcreva ainda um pequeno artigo com que a redacção do *Progresso* me mimoseou, a proposito de uma pequena composição poetica que traduzi, e mandei estampar nas columnas daquelle jornal; é o seguinte:

#### «MUITO PODE A VOCAÇÃO.

«Um talentoso moço portuguez, que vive entre nós dedicado ao commercio, rouba todo o tempo que pode ás suas occupações, e dedica-o ao cultivo da sua intelligencia, e das musas.

«Não já poucos documentos do seu estro poético tem a imprensa publicado: e agora mais uma bella traducção damos por seu consentimento á luz.

«O Sr. Oliveira Santos é um talento apreciavel, e é pena, que não possa pela vida a que se dedica, voar sempre e desembaraçadamente na região das puras idealidades.

«Na verdade, o commercio e a poesia, são elementos heterogeneos que nunca se hão de casar, e por isso o traductor do Arroio viverá de continuo peado nos seus vãos; e é pena, repelimos, para as letras, que isso se dê com um joven de tantas esperanças e talento.

«Abaixo publicamos a traducção do Sr. Oliveira Santos, e o leitor não perderá o seu tempo lendo-a, e apreciando-a.»

[Do «Progresso» n. . . de 1856.]

Tenho feito quanto em mim cabe para apadrinhar as pobres composições que se seguem.

Se apezar disso morrerem pagãs não será por minha culpa!

Maranhão, 14 de julho de 1863.

JOÃO RODRIGUES DE OLIVEIRA SANTOS.

XVIII

# AMOR E SAUDADE.



## **PORTUGAL.**

.....  
Minha patria desgraçada  
Jaz no campo amortalhada,  
Tu lhe cravaste o punhal!!  
E depois até a mortalha,  
Triste pó que o vento espalha,  
Tens roubado a Portugal.

(GUILHERMINO AUGUSTO.)

Oh minha patria saudosa,  
Minha patria sem rival!  
Tão risonha, tão formosa,  
Tão suave e deleitosa  
Como um riso divinal,  
Como a fada mais donosa!  
Quem a fronte, outr'ora altiva,  
Te faz hoje tão captiva,  
Quem gemer te faz assim?  
Quem aos pés calcou teu sceptro,

Quem de ti fez um espectro,  
Soffrendo maguas sem fim?

Quem, jurando-te amisade  
E a mais alta protecção,  
Foi com negra falsidade,  
Proclamando a liberdade,  
Lançar-te na escravidão?  
Quem teve tanta maldade  
Contra o teu povo leal?  
Quem te envolveo, Portugal,  
Nessa pesada mortalha?  
Quem usurpou-te as riquezas,  
Por traições, e por torpezas,  
Que não rigida batalha?

Quem ao som desses gemidos  
Que te arranca a justa dôr,  
Tão longos, e tão doridos,  
Tão penosos e pungidos  
De acerba magua e furor,  
Embriaga os vis sentidos  
Á custa do teu thesouro?  
Quem a troco do teu ouro  
Se fez rainha dos mares?  
Quem a industria florescente  
Reduzio-te a chamma ardente?  
Quem profanou teus altares?

Quem da guerra o fogo ateia  
No seio dos filhos teus?  
Quem teus mares senhoreia,

Quem ufano se recreia,  
 Gosando teus puros ceos?  
 Quem seu vil pendão hasteia  
 Da India nas vastas plagas,  
 Onde o ferro das adagas  
 Fundo o teu nome gravou?  
 Quem por lesivo tratado  
 O teu commercio arruinado,  
 Quasi perdido deixou?

Patria! Patria! Já não posso  
 Recordar tanto soffrer!  
 É do norte infame colosso  
 Quem folga com teu destroço,  
 Quem se ri com teu gemer!  
 Elle foi quem nesse poço  
 Tão repleto de amargura,  
 Luctando co'a desventura  
 Traiçoeiro, te lançou!  
 Por certo bem deslebrado  
 Que ha pouco, em lance arriscado,  
 Prompto auxilio em ti achou!

Abuzando da franqueza  
 Do teu proceder leal,  
 Pagou-te só com villeza,  
 Usurpando-te a riqueza  
 Da tua purpura real!  
 Deixou-te entregue á pobreza,  
 Reduzio-te a um phantasma,  
 Ante o qual o mundo pasma,  
 Silencioso, absorto!...

E ao vêr a tua sombra augusta,  
 Inda do luso se assusta;  
 Pergunta se está bem morto! . . .

Oh! morto não! Que as nações  
 Não podem jámais morrer,  
 Quando em filhos aos milhões  
 Sentem nobres corações  
 De amor por ellas bater!  
 Quando a penna de um Camões  
 Tão fundo gravou-lhe a historia;  
 Quando nos campos da gloria  
 Lhe acena ainda um porvir!  
 Quando um passado brilhante  
 Lhes está bradando: ávante!  
 Quando as incita a seguir!

Que importa, pois, se mesquinha  
 Rojas a fronte no pó?  
 Teus feitos, oh patria minha,  
 Dão-te os fóros de rainha,  
 Por ti fallão ao mundo só!  
 Essa fronte, que definha  
 Entre os espinhos da dôr,  
 Se já lhe falta o 'splendor,  
 Resta-lhe ao menos a fama!  
 Lá das plagas do Oriente  
 Inda se ouve um brado ingente  
 Que o teu nome alto proclama! . . .

Por mais orgulhoso e forte  
 Que se mostre ao mundo um povo,

Seja o leopardo do norte,  
Seja algum outro, que a sorte  
Nos venha mostrar de novo,  
Não póde nenhum dar corte  
No teu passado brilhante!  
Nenhum irá mais adiante  
Por offuscar tua historia,  
Que a qualquer canto que chegue,  
Achará, por mais que o negue,  
Um feito teu, uma gloria.

Janero de 1852.

## RECORDAÇÕES DA INFANCIA.

AO MEU AMIGO, O SR. JORGE MARIA DE LEMOS E SÁ.

Da minha infancia ditosa  
A breve quadra passou;  
Breve foi, porém eterna  
A saudade que deixou.  
[A. LIMA.]

Que saudade eu sinto n'alma  
Do bom tempo de creança !  
Dessa quadra a doce calma  
Não se me vae da lembrança !  
Não vae,—que a alegria pura  
Desses dias de ventura  
Nunca mais se torna a ter:  
Se se tem, é já n'ausencia  
Dos perfumes da innocencia,  
Que dão realce ao prazer.

Nessa quadra, que magia  
 Tinha o doce viver meu!  
 Que candura, que alegria!  
 Que pensamentos do ceo!  
 Eu era um anjo innocente,  
 Sorria a todos contente,  
 Sem conhecer a ninguem;  
 Sorria, por vêr sorrir,  
 Como a florinha ao abrir,  
 Se a brisa afagal-a vem.

Sorria porque um sorriso  
 Era então a minha vida,  
 Porque um bello paraizo  
 Me era a existencia florida,  
 Porque os sonhos em meu peito  
 Inda os não tinha desfeito  
 O bafo da corrupção,  
 Porque a paz e crenças bellas  
 Inda floriã singelas  
 No meu joven coração. . .

Eu, então, que m'importava  
 Das miserias deste mundo,  
 Se tudo prazer me dava,  
 Se um porvir bello e jocundo  
 Ante mim sorrindo via?  
 Que m'importava se havia  
 No mundo a descrença dura,  
 Se de manhan 'té sol posto  
 Tudo p'ra mim era gosto,  
 Tudo ledice e ventura?

Mas hoje dessa candura  
Que tão bella idade encerra,  
Só nas horas de tristura  
A saudade a mim se afferra;  
Só de noite a sós comigo,  
Quando lembro o tempo amigo  
Dessa quadra tão feliz,  
Sinto doçura e conforto;  
Pois em mente me transporto  
Às terras do meu paiz...

E tudo lembra ness'hora,  
Tudo acode ao pensamento  
Como imagem seductora  
De saudade e sentimento:  
Lembra o ceo azul, sereno,  
Verdes campos, prado ameno,  
E o nascer e pôr do sol;  
Lembra o gorgueio das aves,  
As melodias suaves  
Do mavioso rouxinol,

Lembra a fonte d'agua pura  
Em que a sede eu mitigava,  
Lembra a rôla da espessura,  
Quando saudosa rolava,  
Lembra a serra e seus verdores,  
O grato aroma das flores,  
De abril as tardes louçans;  
Do pastor lembra a cabana,  
Do pobre lembra a choupana,  
Da primavera as manhans.

Lembra a selva em que eu vagava  
 Por dias de sol ardente,  
 E o raminho que occultava  
 Meigo segredo innocente,  
 Lembra o repouso da sésta,  
 Lembra o domingo de festa,  
 Lembra o sino a repicar;  
 Os foguetes, os morteiros,  
 Os sons do órgão fagueiros,  
 Os tambores a rufar !

Lembra o dar d'Ave-Marias  
 No sino grande d'aldeia,  
 Doce cantar das Marias  
 Ao clarão da lua cheia;  
 Lembra o barco, lembra o rio,  
 Lembram as tardes de estio,  
 Lembra o carvalho, o salgueiro,  
 Lembra o copado arvoredado,  
 A ramada, o olivedo,  
 Lembra a ermidinha do outeiro.

Lembra a modesta casinha,  
 Onde—pobre—ao mundo vim,  
 Onde o peito me advinha  
 Que agora se falla em mim !  
 Lembra a *curtinha*, o pomar,  
 Lembra até o meu lugar  
 Junto á lareira, hoje vago;  
 Lembra do pae, pobre velho !  
 As predicas, o conselho,  
 Lembra da mãe doce afago...

Lembra tudo ! Nada esquece ! . . .  
Nem o pranto qu'eu chorava . . .  
Bem doce pranto era esse,  
Que a causa que o motivava  
Eram penas de creança,  
Que a mãe transforma em bonança  
C'um doce beijo de amor !  
Era nuvem passageira,  
Que se esvae nos ceos ligeira,  
Eram lagrimas sem dôr.

Lembra tudo ! E da noss'alma  
Jámais se vae a saudade  
Do prazer e doce calma,  
Que se gosa em tenra idade !  
Não vae,—que a alegria pura  
Dessa quadra de ventura  
Nunca mais se torna a ter:  
Se se tem, é já n'ausencia  
Dos perfumes da innocencia,  
Que dão realce ao prazer.

Fevereiro de 1852.

## **PEDIDO.**

Quiero amor! que me quema el deseo  
De encontrar otro amor como el mio!

**RIVERA.**

Que vida! que amarga vida!  
Tão cheia de fel e dôr!  
Olhar o mundo tão bello,  
E viver sem ter amor!  
Vêr tão formosa a natura,  
Sorrindo tanta ventura,  
Tanto prazer e ledice,  
E não ter na vida um anjo,  
Não ter na terra um archanjo,  
Que me afague com meiguice!

Vêr correr meu pranto amargo  
 Em sombria solidão,  
 Quando a dôr mais se exaspera,  
 Mais me arrocha o coração,  
 Sem achar um peito amigo  
 De mulher, que seja abrigo  
 Onde as magnas vá depôr!  
 Sem ter alma que me entenda,  
 Nem coração que compr'henda  
 Meu singelo e santo amor!

Eu tão joven, qu'inda apenas  
 Eutrei agora no mundo,  
 Sentir já da vida o travo,  
 Da desgraça o mal profundo! ?  
 Eu sosinho sobre a terra,  
 Já soffrendo a dura guerra  
 De um viver de amargo fel! . . .  
 Pedindo a Deus um conforto,  
 Um refugio, um doce porto,  
 Onde abrigue o meu baixel;

E sentir, em vez da aragem,  
 Soprando-me, rugindo, o norte!  
 E sentir, em vez de allivio,  
 Cada vez a dôr mais forte;  
 Passando dia após dia,  
 Sempre na mesma agonia  
 De um viver duro e cruel!  
 Bebendo da taça impura  
 D'estes dias sem ventura  
 O mais negro e amargo fel!

Que vida! . . . Não! não é vida  
 Este viver desgraçado!  
 É existir no martyrio,  
 É um soffrer desesp'rado!  
 P'ra vegetar, sem florir,  
 P'ra chorar, nunca sorrir,  
 Melhor fôra antes a morte!  
 Porque o homem sem amores  
 É uma planta sem flores,  
 É, no mar, baixel sem norte!

De que valem mil grandezas,  
 A riqueza de que val?  
 Quando um anjo ao nosso lado  
 Não partilha sorte igual?  
 Quem pode gosar ventura,  
 Sem que um anjo de candura  
 O acompanhe a sorrir?  
 Quem pôde abafar segredos,  
 Ou contal-os aos rochedos,  
 Que não os podem sentir?

Deus, oh Deus! Não me lanceis  
 Nesse abysmo do descrer!  
 Dae-me luz, dae-me bonança,  
 Minha vida, meu prazer!  
 Eu quero uma companheira,  
 Que aquillo que eu quizer—queira,  
 Que o meu pensar seja o seu!  
 Quero dar-lhe os meus afagos,  
 E sorver a longos tragos  
 O doce nectar do ceo!

Não quero mulher altiva,  
Com brazões d'alta nobreza,  
Nem rica, porque é vaidosa,  
E eu sou filho da pobreza!  
Mas quero um anjo innocente,  
A quem possa livremente  
Tributar minha afeição!  
Quero, sim! um peito amante,  
Que arda no fogo incessante,  
Que me abraza o coração!

Março de 1852.

## **REGRESSO E MUDANÇA.**

Ciel! que me reste-t'il d'un etat si charmant ?  
Un souvenir affreux qui fait tout mon tourment !

**HELOISE.**

Foi ao pé desta fontinha,  
Neste valle encantador,  
Que eu ouvi a vez primeira  
Singelas falas de amor.

Foi aqui, oh não me engano !  
Que apertei nos braços meus  
Aquella virgem fagueira,  
Candida pomba dos ceos.

Mas depois em crua ausencia  
 Bem longos annos passei!  
 Longe d'ella, em terra estranha,  
 Muitas lagrimas chorei! . . .

E agora que emfim voltava  
 Para ao meu peito estreital-a,  
 Debalde a procuro e chamo,  
 Ninguem me escuta, ou me fall'

A doce e amena alegria  
 Que aqui respirava outr'ora,  
 Na mais funérea tristeza  
 Mudada se encontra agora!

No lugar em que outro tempo  
 Bella cazinha se erguia,  
 Á sombra de cujo tecto  
 Minha amante se acolhia,

Agora selvagem matto  
 Cresce e viceja á vontade!  
 Nem ruinas ou vestigios  
 Restam sequer p'ra saúdade!

Este lago tão ameno,  
 Bello outr'ora e christalino,  
 Em que os rudes camponezes  
 Vinham *enlagár* o seu liho;

Já não tem de fina prata  
 A bella e formosa côr;

Agora só verdes hervas  
Crescem das aguas á flor.

Nem a formosa fontinha,  
Tão querida e tão cuidada,  
Cujas aguas salutaes  
Tinham tanta nomeada,

Escapára ao abandono  
De tudo o que aqui havia!  
Verde musgo occulta a bica  
D'onde tão fresca corria!

Até mesmo as avesinhas,  
Que ao surgir da roxa aurora,  
Vinhão do somno acordar-nos  
Com voz cadente e sonora;

Espavoridas fugiram  
Deste lugar de abandono,  
Co'a presença d'ella outr'ora  
Tão alegre e tão risonho!

Nos carvalhos em que amenas  
Soltavam notas canoras,  
Agora agoureiras aves  
Vêm piar em tardas horas.

Solidão e abandono  
Tudo, emfim, aqui revela!  
Chora tudo, como eu choro  
A sentida perda d'ella!

Ai saudades! ai lembranças!  
Já vos não posso fugir!  
Vosso riso doce-amargo  
Sinto a minha'alma opprimir!

Oh meu formoso passado  
Quem te podera olvidar!?  
Quem me dera em terra estranha  
Ter morrido, ou não voltar!

De que me serve esta vida?  
Que val'hoje o viver meu?  
Se aquella por quem vivia  
Perdi-a!—Roubou-m'a o ceo!?

Ai tristeza que me inundas!  
Dór que o peito me laceras!  
Ao menos não me suffoques  
Estas lagrimas sinceras!

Deixa correr dos meus olhos  
O triste pranto maguado!  
Unico allivio que resta  
D'ora avante ao desgraçado!

Agosto de 1852.

## QUE ENGANO!

Oh! como são as mulheres!...

F. G. D'AMORIM.

Quem visse a virgem formosa,  
No auge da desventura,  
Tragando toda a amargura  
Do mais atroz soffrimento,  
Erguer, resignada, o rosto,  
Triste e pallido, mas lindo,  
Fitando os olhos, sorrindo,  
No azulado firmamento...

Quem a visse... a mão nevada  
Estender aos que choravam,  
Que por ella ao ceo rogavam  
Nesses transe de agonia,

Dizendo, com voz mimosa,  
Que não chorassem por ella,  
Pois que uma vida mais bella  
Na outra vida teria . . .

Quem, depois, a visse livre,  
Por um milagre dos ceos;  
Orando nos mausoléos  
Em que repousam seus paes . . .  
Soltar, ao saber de um crime,  
De mêdo e terror um grito,  
Mostrar em favor do afflicto  
Tão condoidos signaes . . .

Quem a visse desta sorte,  
Sendo tão meiga e formosa,  
Como o lyrio, como a rosa,  
Como um anjinho dos ceos,  
Ai! por certo que diria,  
Com firme convicção,  
Que era ella a criação  
Mais bella das mãos de Deus! . . .

Eu tambem assim o disse,  
Com terno amor e loucura! . . .  
Acreditei na candura  
Do seu rosto meigo e puro,  
Mas breve, desenganado,  
Fiquei no mundo chorando! . . .  
O rosto formoso e brando  
Qu'importa, se o peito é duro? . . .

## UM ANJO.

Não tem só da mulher os encantos,  
Que é um anjo formoso do ceo,  
Quem na terra seus mimos me outorga,  
Quem n'um laço d'amor me prendeu.

É a virgem que os sonhos tam castos  
Ao mancebo na terra doirava,  
Que eu na lyra pedia, que ha muito  
Em profundo silencio adorava.

Lá do mar quantas vezes nas praias,  
E no monte, e na selva sombria,

E nos campos, nos astros, na brisa,  
Quantas vezes cuidava que a via!

Procurava-a de dia e de noite,  
Procurava-a sem nunca cessar,  
Por seu nome tam lindo chamando,  
E baldado o meu doce chamar! . . .

Encontrei-a, por fim, encontrei-a,  
Solitaria . . . tão triste como eu;  
Estendi-lhe meus braços, e ella . . .  
Os seus braços tambem me estendeu . . .

N'um abraço mui doce enlaçados  
Longo tempo ficamos assim;  
Eu sentindo seu peito que arfava,  
Ella o peito sondando-me a mim.

E após isto sentamo-nos juntos,  
Sobre a margem de um brando ribeiro,  
Ella os olhos fitando nas aguas,  
Eu mirando seu rosto fagueiro.

Ella olhando com meiga innocencia  
Para o astro brilhante do dia;  
Eu mirando seus olhos tão negros,  
Lindos astros de amor e poesia.

Ella os gratos aromas sorvendo,  
Que a florinha na aragem mandava;  
Eu somente aspirando os perfumes  
Que da bocca gentil exhalava.

Ella, séria, contando das aguas—  
 Os seixinhos,—os mais transparentes;  
 Eu somente embebido, pensando  
 No mui alvo marfim dos seus dentes.

Ella ouvindo saudosa rolinha  
 Que os seus cantos, além, modulava;  
 Eu ouvindo somente o seu peito,  
 Que de amor, e ternura lh'arfava.

Ella vendo a palmeira gentil  
 Em seu tronco, d'esbelta, dobrar;  
 Eu mirando seu corpo flexivel,  
 E a cintura, a cintura sem par.

E assim horas e horas passaram  
 Sem nós darmos, ao menos, por tal,  
 Pois o mundo nem já nos lembrava  
 Na effusão desse amor divinal! . . .

Mas a tépida aragem da tarde,  
 Vindo, meiga, seu rosto afagar,  
 Fez-lhe os negros e longos cabellos  
 Pelos hombros de jaspe ondular.

Então ella—seus olhos erguendo—  
 Um momento no ceo os fitou  
 E dos anjos um côro sublime  
 Docemente em minh'alma soou.

E fugio-me, correndo ligeira,  
 E sumio-se a meus olhos, por fim,

E eu supponho inda vel-a no espaço,  
Sempre bella, a sorrir-se p'ra mim.

Ah! de certo! mulher não parece,  
Mas sim anjo formoso do ceo,  
Quem na terra seus mimos me outorga,  
Quem n'um laço d'amor me prendeu!

1852.

## CANTO DO BARDO.

Como poeta sou livre,  
Não curvo a fronte a ninguém!  
Se além ruger o mar qual tigre,  
Que doces accents tem! . . .  
É a voz da tempestade,  
Que me falla em liberdade,  
Quando a vaga em soledade  
Nas rochas partir-se vem.

Quando, toldando-se os ares,  
Negras nuvens se amontoam,  
Cruzam raios aos milhares,

E os trovões além resoam,  
 Eu amo, lá n'alta serra,  
 Contemplar essa guerra,  
 Que só mesquinhos atterra  
 A quem os crimes nodoam.

Eu vejo—mudos os labios—  
 Dessa guerra a magestade,  
 Que revela aos homens sabios  
 O poder da Divindade;  
 E a minb'alma lá no espaço,  
 Voa, e traz-me n'um abraço,  
 Ligados por terno laço  
 Deus, amor e liberdade.

Deus, amor e liberdade  
 São tudo p'ra mim na terra!  
 Nem da féra iniquidade  
 Seu turvo aspecto me atterra!  
 Não me apavoram tyrannos,  
 Porque vão correndo os annos,  
 E hão de vir os desenganos,  
 Bem que após cruenta guerra.

Nem sempre este mundo ás cegas,  
 Sepultado em negro abysmo,  
 Hade viver entre as trevas  
 Do nefando despotismo!...  
 Hade um dia a Divindade  
 Mostrar a luz da verdade,  
 E então, livre, a humanidade,  
 Calcar aos pés o cynismo!

Hade o povo, como as aguas,  
 Do mar largo a transbordar,  
 Do leito de acerbas maguas,  
 Um dia se alevantar,  
 Bradando co'a mão na lança:  
 Já no ceo nos luz a esperança,  
 Temos por norte a vingança,  
 Ou morrer ou triumphar !

Entretanto ao som da lyra,  
 Até que venha esse dia,  
 Heide a torpe e vil mentira  
 Rebater á tyrannia:  
 Heide em plena liberdade  
 Descrever na soledade  
 Qual dos grandes a maldade,  
 Qual dos povos a agonia.

Contarei como a virtude  
 Se debate em tenaz lucta  
 Contra o vicio torpe e rude  
 Da sociedade corrupta;  
 Como o orgulho, e a prepotencia  
 Murcham a flor da innocencia,  
 Que ao bafo da pestilencia,  
 Já sem força, arqueja e nuta.

Contarei como o talento,  
 Como o profundo saber  
 É origem do soffrimento,  
 Do mais atroz padecer !  
 Como a supina ignorancia  
 Que vive em plena abundancia,

Deixa da fome na estancia  
Véros talentos jazer.

Contarei com singeleza  
Dos homens a negra historia:  
Como se adora a baixeza,  
E deixa a virtude ingloria;  
Como o feito inda o mais nobre  
Se adultera, se é do pobre,  
E como, ao contrario, cobre  
O rico de immensa gloria.

E ao som do pobre alaúde  
No meu singelo dizer,  
Bem farei porque se mude  
Dos humanos o viver;  
Mas se ninguem m'escutar...  
Nem assim me heide calar!  
Que o ceo, a terra e o mar  
Com certeza heide mover.

O mar d'encontro aos rochedos,  
Imp'lido pelo tufão,  
Em vez de meigos segredos,  
Hade bradar maldição!  
Montanhas cabindo a prumo,  
O baixel no mar sem rumo...  
Do raio chammas e fumo,  
Tudo será confusão!

Depois espadas tinindo,  
Negra metralha a cruzar-se,

Por terra os grandes cahindo,  
E o povo todo a agitar-se,  
Eis o fim deste reinado,  
Torpe, vil, ensanguentado,  
Que uma vez aniquilado,  
Jámais hade levantar-se.

Novembro de 1852.

**SE QUIZESSES . . . .**

Que m'importa, qu'importa que a sorte  
Te quizesse tão alto elevar,  
Que por mais que a minh'alma suspire  
Eu não possa a teu solio chegar?  
Saciar meus ardentes desejos,  
Este fogo de amor acalmar?

Que m'importa? Se eu quero adorar-te  
Mesmo a troco do meu padecer?  
Mesmo após a esperança perdida  
De poder-te algum dia dizer:

Tú és minha, donzella, só minha !  
Acabou-se na terra o soffrer?

E não venham dizer-me que é crime  
Desejar o que ao goso vedado  
Foi do pobre, por um preconceito  
No inferno talvez formulado,  
Que antepondo-se aos votos do triste,  
De continuo lh'estruge n'um brado:

Vae nos seios do nada asylar-te,  
Vae nas trevas da noite viver,  
Vae chorar o teu negro destino,  
Vae no pó, na miseria morrer,  
Pois que ao pobre a ventura não deve  
Sobre a terra jámais pertencer !

Oh ! não venham, não venham dizer-me  
Estas cousas, que o peito laceram;  
São crueis todos esses que pensam  
Deste modo !—Que as leis destemperam  
Da natura, com futeis caprichos,  
Com vaidades que os ceos não toleram !

Por ventura serei eu culpado  
De não ter uma sorte brilhante?  
De não ter esses bens da fortuna,  
Que de mim te collocam distante;  
P'ra gosar em teu seio formoso  
Doces mimos,—amor delirante?

Oh ! de certo não sou ! E bem sabes,  
Qu'inda mesmo apezar do destino,

Da vaidade e caprichos humanos,  
 Posso amar-te sem ser desatino;  
 Pois o Eterno que o amem não veda  
 Nem ao vérme inda o mais pequenino.

Se, porém, este amor, abrasado,  
 Aqui tem de morrer em meu peito  
 Sem ao menos provar da ventura,  
 Uma vez, o seu magico effeito;  
 Tu somente serás a culpada;  
 Não os homens com seu preconceito!

Pois qu'importam vaidades do mundo  
 A quem sente de veras o amor?  
 Se o tu sentes por mim, que te custa  
 Essa immensa distancia transpôr,  
 Que entre nós bem fatal o destino  
 Por acinte e maldade quiz pôr?

Nas amenas manhans não tens visto,  
 Quando assoma, entre nuvens, o sol,  
 Uma flor recatada e modesta,  
 O formoso, loução gyrasol,  
 Inclinar-se, adorar na humildade  
 Lá do ceo esse immenso pharol?

E tu pensas que os votos não podem  
 De uma pobre, humilissima flor,  
 Ser ouvidos lá n'essas alturas  
 D'onde parte do sol o fulgor?  
 Pois engánas-te, augusta deidade....  
 Que ouve o sol os seus rogos de amor.

Mal apenas desponta na terra,  
Com seus raios a vem festejar!  
Que se ao ceo não pode ella elevar-se,  
Pode o sol os seus raios baixar,  
E o amor que lhe offerta a florinha  
Entre mimos e afagos levar.

Assim pois, minha bella, se um dia  
Tu descesses lá d'essas alturas,  
Onde em vão por chegar eu me canso,  
Augmentando somente amarguras,  
E quizesse a mão delicada  
Offertar-me—que doces venturas!...

Novembro de 1852.

## O TEU CANTO.

A . . . .

És o genio da harmonia  
Que Deos á terra mandou.  
F. G. D'AMORIM.

Nem as côres do horisonte  
Vistas do cimo de um monte,  
Quando o sol a regia fronte  
Vae nas ondas occultar,  
Nem toda quanta harmonia,  
Quanta saudade e magia  
Pode achar no fim do dia  
Quem sosinho meditar;

Nem as aguas da corrente  
Mais ligeira e transparente,  
Murmurando docemente

Nas pedrinhas de coral,  
Nem o canto arrebatado  
Do rouxinol inspirado,  
Quando trina apaixonado  
Nas terras de Portugal;

Nem tudo quanto se encerra  
No ceo, no mar e na terra,  
Quanto aos olhos nos descerra  
Mais grandeza e mais incanto,  
Tem p'ra mim tanta poesia  
Como a celeste harmonia,  
Que arreбата, que extasia,  
Desse teu mimoso canto.

Mal os labios teus descerras  
Não sei que poder encerras,  
Que n'um sonho me desterras  
Deste mundo falso e vão;  
Que ao som do teu meigo accento,  
Nas azas do pensamento  
Vou pairar no firmamento,  
Tendo a Deus no coração.

Oh ! diz-me se nas estrellas,  
Meigas, luzentes e bellas,  
Quando fallam tam singelas  
Segredos ao coração;  
Ou na lua, bella, altiva,  
Quando vaga pensativa,  
Vaes sorver, de amor captiva,  
Tão Celeste inspiração ?

Essas notas argentinas,  
 Tão amenas, tão divinas,  
 Com que a noss'alma dominas,  
 Só do ceo te podem vir !  
 Esse gesto de ternura,  
 Que nos mata de ventura,  
 Quando exprimes com doçura  
 Tanto amor n'um só sorrir;

Essa frente levantada,  
 Profundamente inspirada;  
 Esse olhar de meiga fada  
 Que tu tens, mirando o ceo;  
 Essas duas lindas rozas  
 Das tuas faces mimosas,  
 Quando em notas amorosas  
 Desprendes o canto teu;

São cousas que a gente sente,  
 Mas que a musa mais ardente  
 Do poeta mais vehemente  
 Não podera bem pintar;  
 Que a poesia em seus ardores  
 Não acha tintas nem cores  
 Com que possa taes primores  
 Bem ao vivo retratar.

Debalde, pois, me abalanço . . .  
 Retratal-as não alcanço ! . . .  
 Em vão as ideias canso,  
 Minha mente canso em vão ! . . .  
 Descrevér não pode a lyra

O que o teu canto m'inspira...  
Meu peito de amor delira...  
Roubáste meu coração!...

Janeiro de 185...

**ELLA.**

Tu és linda, como é linda  
Formosa manhan d'estio,  
Tu és meiga, como é meiga  
A lua a brincar n'um rio.

Tu és leda, como é ledo  
O sorrir do meigo infante,  
Quando nos braços maternos  
Se debate delirante.

Tu és pura, como é pura  
Alva e limpida corrente,

Como o céu de um bello dia,  
Como o astro mais luzente.

Tu és terna como é terno  
De extremosa mãe o amor;  
Teu cantar tem a harmonia  
Dos anjinhos do Senhor.

És innocente e mimosa,  
És engraçada sem par;  
És o amor, és a saudade,  
És a lyra a suspirar.

Agosto de 1852.

## UM INSTANTE DE VENTURA.

Quem nunca de uns olhos negros  
Ao meigo olhar seductor,  
Estremeceo de ternura,  
Sentindo vibrar no peito  
O fogo de intenso amor.

Quem nunca, na mão nervosa,  
De homem a força indicando,  
Apertou da linda virgem  
A delicada mãosinha,  
Que parece estar quebrando.

Quem nunca, junto do peito,  
Experimentára o prazer  
De sentir um peito casto,  
Levemente arfando meigo,  
De amor e susto a bater.

Quem nunca pelo seu rosto,  
Em arroubos de ternura,  
Sentira roçar de leve  
Um rosto mimoso e puro,  
Todo meiguice e frescura.

Quem nunca, a furto, um momento,  
Gozou mais que o seu desejo,  
Sentindo escapar mansinho  
De alguns lábios côr de rosa  
Para os seus um casto beijo;

Ah ! não profane a ventura,  
Que aquelle instante me deu ! . . .  
Chorando seu triste fado,  
Fuja do mundo e confesse,  
Que existio, mas não viveu !

## **A NAMORADEIRA.**

(IMPROVISO.)

**Eu vi uns olhos brilhantes,  
Como as estrellas do céo,  
Vi um rôsto tam formoso,  
Que d'um anjo me pareceo.**

**—Uns dentes de fina alvura,  
Bócca pequena e bem feita;  
Róseos labios robicundos,  
Que o riso constante enfeita.**

**—Espaçosa, bella fronte,  
Mãos finas e delicadas,**

Esbelto corpo, e cintura  
Airosa como a das fadas.

—Cabellos negros, cahindo  
Sobre uns hombros de alabastro;  
Uma mulher, ou um anjo,  
Que brilhava como um astro.

—Um ênte tão perigrino,  
Mulher, ou celeste sêr,  
Tão lindo, tão feiticeiro,  
Que de amôr me fez... morrer.

Mas ai! que valem encantos  
D'aquella mulher sem par,  
Se é tão perjura, inconstante,  
Se ella nunca soube amar?

Emmudece, oh pobre peito  
Ante os seus falsos agrados!  
Essa mulher não te serve,  
Já tem sete namorados!

Dezembro de 1852.

## UM SONHO DEMOCRATICO.

Ruge o mar d'encontro á praia,  
Treme a terra em convulsão!  
No seu giro o sol desmaia,  
Restruge alem o trovão!  
—Terra e mar e céu e tudo,  
Nesse aspecto carrancudo,  
Nesse bramir tam feroz,  
Parecem soltar irados  
Contra nós hórridos brados  
Dos elementos na voz! . . .

Déos, oh Deos! d'alta bondade,  
Que creaste o mar e a terra!

Como agora sem piedade,  
 Nos moves tão crua guerra?...  
 Porém, oh lyra, suspende...  
 Não prosigas, que Elle o entende:  
 Deos só pune o crime atroz!  
 O bramir dos elementos,  
 De maldição os accents  
 Não pódem ser contra nós!

Somos povo, somos pobres,  
 E gememos na oppressão!  
 Sobre os *Grandes*, sobre os *Nobres*  
 Cáe talvez a maldição!  
 Oh! sim! que do ceo as iras,  
 Pobre povo, que suspiras,  
 Sobre ti não podem vir!  
 Se ha castigo ao negro crime,  
 Cáia elle em quem te opprime,  
 Que tu só sabes carpir!

Sendo forte, altivo, ousado,  
 Curvas a fronte aos dictames  
 Do bando vil, esfaimado  
 Dos teus verdugos infames!  
 Vés impassivel e mudo  
 Arrebatarem-te tudo,  
 Roubarem tudo o que é teu!  
 Mas esperas algum dia  
 Vêr da terra a tyrannia  
 Castigada pelo ceo!

Espera, povo, espera,  
 Que esse dia chegará!...  
 —Oh! quem já nô-lo trouxera!  
 —O teu coração dirá!...  
 Mas escuta, povo escuta...  
 Dos elementos a lucta  
 Communicou-se aos humanos...  
 Attende... por sobre a terra  
 Não ouves soar a guerra,  
 E o brado—morte aos tyrannos! ?

Não sentes a humanidade,  
 Qual um só homem agitar-se,  
 E aos gritos de liberdade  
 Toda inteira electrizar-se?  
 Não vês esse fumo immenso,  
 Que descreve um giro extenso  
 Nos infinitos do espaço?  
 Não vês o fogo estridente,  
 Não sentes a lucta ingente  
 Do homem bom contra o devasso? ...

Reis impotentes, que altivos,  
 Pela traição, pelo engano,  
 Fazeis os povos captivos,  
 E nadaes em sangue humano!  
 Vêde o ceo negro e sombrio,  
 Vêde a torrente do rio  
 Caudalosa transbordar;  
 Vêde o trovão como estala,

Vêde a terra como abala,  
Vêde além rugir o mar !

Vêde o raio da vingança  
Sobre vós caindo a prumo,  
Vêde a vossa louca esperança  
Desfazer-se em pó e fumo !  
Vêde o povo altivo e forte,  
Soltando gritos de morte,  
Contra vós arremetter,  
Bradando com heroismo:  
Morra o feroz despotismo,  
Ou ser livres ou morrer !

Vêde a Italia retalhada,  
Vêde a heroica e triste Hungria,  
A Irlanda, á fome votada,  
A Polonia, triste mumia,  
Erguerem-se de repente,  
Dos povos marchar na frente  
Fazer sceptros em pedaços !  
E no esforço sobre humano  
Derribarem o tyranno,  
Ligadas por santos laços !

Vêde o tufão desabrido  
Da revolta popular,  
Com seu medonho estampido  
O mundo inteiro abalar !

Varrer da face da terra,  
 Depois de medonha guerra,  
 Depois de lutar atroz,  
 Todos os seus oppressores!  
 Pondo assim termo aos horrores  
 De um reinado tão feroz!

Vêde a estrella radiante  
 De ventura e santa paz  
 Assomar no ceo, brilhante,  
 Depois da lucta tenaz!  
 Dar aos povos a egualdade,  
 E co'a santa liberdade  
 Um éden fazer da terra,  
 Sem que jamais a anarchia,  
 A cabeça erguendo um dia,  
 Entre irmãos accenda a guerra!

Vêde, enfim, do mundo a dita  
 Firmada no bem geral!  
 Toda a discordia proscripta  
 Pela paz universal!  
 E orgulhosa a humanidade  
 De alcançar a liberdade  
 Que a todos Deos concedeu,  
 Altiva, sorrindo airosa,  
 Gozar a sorte ditosa  
 De um viver quasi do ceo!

Rugi perversos, mordei-vos,  
 Ameaçae ceos e terra!

Brami, levanta e aleivos,  
 Que o povo já não se atterra!  
 Sobre vós o seu desprezo  
 Lançará do peito, accezo  
 Na maior indignação,  
 Quando, olhando por acaso  
 Em cada um vir um vaso  
 De profunda corrupção! . .

Nem jamais terá saudade  
 Dos vossos torpes reinados,  
 Em que os povos, sem piedade,  
 Eram por vós algemados!  
 Se algum dia na memoria  
 Recordar a triste historia  
 De certos crimes que eu sei  
 Lançará do coração  
 A mais justa maldição  
 Ao tempo em que havia rei! . . .

—  
 Eis o sonho que eu sonhava  
 Em noite tempestuosa!  
 Surdo o trovão ribombava,  
 E era a chuva copiosa! . . .  
 —Entre a negra tempestade  
 Eu sonhei a liberdade  
 Como meu peito a quizera!  
 Por fim, despertando ancioso,  
 Deste sonho tam ditoso,  
 Vi que tudo era chimera! . . .

Mas Deos é grande, e o meu sonho,  
Nascido do coração;  
Sonhado no cahos medonho  
De medonha escravidão,  
Bem póde, por graça infinda,  
Tornal-o real ainda,  
Dando aos povos a egualdade!  
Fazendo ao joven poeta,  
Dest'arte, um sabio propheta  
Da futura liberdade!

Junho de 1853.

## O PIRATA.

Só vejo escravos na terra,  
Só homens livres no mar.  
F. G. D'AMORIM.

Lindo brigue o Estreito sulca,  
Sem bandeira, e sem leteiro,  
E o seu todo assás inculca  
Ser o mais fino velleiro:  
Ora desce, ora se impina,  
Sempre acochádo á bolina.  
Sempre altivo e sobranceiro.

Vêm as ondas, quaes montanhas,  
Bater-lhe d'encontro á proa,  
Mas do mar ás duras sanhas  
Sempre o brigue audaz se escoa:

Recreia-se a vista em vê-lo,  
 Que o barco formoso e bello  
 Parece que sobre o mar voa.

De negro pintado, e raso,  
 Mastreação cabida a ré;  
 Tão velleiro e lindo vaso  
 De certo um pirata é!  
 É um pirata—por Christo!  
 Nestas cousas ando visto,  
 Juro-o pois por minha fé! . . .

Pirata, e bem destimido!  
 Ninguém me diga o contrario!  
 Que em tempo tão desabrido  
 Ninguém ha tão temerario,  
 Que a tal mar se aventurára,  
 Nem tão audaz navegara,  
 Salvo pirata, ou corsario!! . . .

Mas eil-o, ao mastro encostado,  
 Lá na pôpa, o capitão,  
 A olhar o mar irritado  
 Com ar de satisfação! . . .  
 Vae cantar, e, no seu canto  
 Revelar tudo, portanto  
 Vamos-lhe ouvir a canção.

Pelas vagas embalado  
 Da idade apenas de um anno,

Cresci no mar, fui creado  
 Sem nenhum cuidado humano;  
 Tornei-me assim denodado,  
 Sou terror do vil tyranno !

Sou corsario, sou pirata,  
 Sou tudo quanto eu quizer !  
 Nestas campinas de prata  
 Quem resiste ao meu poder ?  
 Nem mesmo náó, ou fragata  
 Se me atreve a combater !

Não atreve ! o seu destroço  
 Pre-sente no braço meu !  
 Sabem todos quanto eu posso  
 Contra o fraco poder seu . . .  
 Rei dos mares, rei—colosso,  
 Quem impera aqui sou eu !

Venha embora o mundo inteiro  
 Com todos os reis da terra;  
 Que se me ponha fronteiro  
 A vêr se acaso me aterra !  
 Venha, sim ! venha ligeiro  
 Mover-me cruenta guerra ! . . .

Mas não vem—que o rei altivo  
 No seu throno vacilante,  
 Só com seu povo captivo  
 Se mostra féro, arrogante;  
 Se eu lá chego vingativo,  
 Teme o meu braço gigante.

Não ha nada que se opponha  
 Neste mar ao meu poder!  
 A tormenta, a mais medonha,  
 Nem me faz estremecer!  
 Se ella ruge... mais risonha  
 Vejo a vida então correr!

Minha vida nestes mares,  
 Na tormenta, ou na bonança,  
 Não tem mesquinhos pezares;  
 Bella é sempre, e sem mudança!  
 Meus prazeres a milhares  
 Nenhum rei gozar alcança!

À noite, quando as estrellas  
 Brilham por entre o luar,  
 Reflectindo as luzes bellas  
 Na face argentea do mar,  
 Ao som do bater das vellas,  
 E da brisa ao suspirar;

Eu canto na minha lyra  
 Mysterios do coração;  
 Canto amor que alli m'inspira,  
 Amor sem fim, qual vulcão,  
 A captiva que suspira,  
 Que eu fiz roubar ao Sultão.

Se o prazer deste consiste  
 Em ter formosas sem par,  
 Não julgue que eu vivo triste,  
 Sem ter amor a quem dar,

Que antes do que elle as aviste,  
Posso-as ao peito estreitar. . .

Se outro prazer elle gozára,  
Que me fosse d'invejar,  
Tambem esse eu lhe arrancara  
Com meu braço a batalhar!  
Não ha cousa, por mais rara,  
Que eu não possa aqui gosar!

Eu não conheço quem possa  
No mundo dictar-me a lei!  
Se o meu brigue a outro acóça  
D'ess'outro a entrega já sei. . . .  
Escravos!—Que a força vossa  
Perdeis nos ferros do rei!! . . .

Tendes braço, e coração,  
Mas não sabeis combater!  
É que o jugo da oppressão  
Vos fizera embrutecer!  
Onde impera a escravidão,  
Que honra, e brio pod'haver?

Se quereis vêr a liberdade,  
E apreciar-lhe o valor,  
A corrupta sociedade  
Abandonae com horror!  
Vinde ouvir na soledade  
Da livre vaga o'stridor! . . .

Se o meu braço é tão possante  
 Que infunde medo e respeito,  
 É porque ao jugo aviltante  
 Jamais rendi o meu peito!  
 Deffendi sempre arrogante  
 Do homem livre o direito !

E quem se atreve a negar  
 Que eu o fiz com valentia?  
 Se alguém ha, que venha ao mar,  
 Que ha-de vêr o que não queria?  
 A cabeça a rebolar  
 Como essa onda bravia ! ! . . .

Sou corsario, sou pirata,  
 Sou tudo quanto eu quizer !  
 Nestas campinas de prata  
 Quem resiste ao meu poder?  
 Nem mesmo náu ou fragata  
 Se me atreve a combater !

Voa, voa, meu baixel !  
 Lá para os campos da gloria !  
 Tu tens por norte fiel  
 A tua passada historia !  
 Contra crente, ou infiel,  
 É sempre tua a victoria !

Assim seu canto alegre restrugio  
 Sobre as vagas do mar encapellado,

E o brigue após instantes se sumio,  
Correndo sempre altivo e denodado:  
De tudo o que aquell'homem proferio, . . .  
Fiquei por largo tempo alli pasmado! . . .  
Da vida do pirata audaz, valente,  
Invejando a liberdade unicamente.

Junho de 1853.

**SONETO BACHI.....CO.**

O Málaga, o Xerez, o tinto e o bran.....co  
Todos eu bêbo com ardente afin.....co,  
Se só ao vél-os de alegria brin.....co  
Ao saboreál-os não sou man.....co;

É copo sobre copo, e só me estan.....co  
Depois de entornar mais de vinte e cin...co,  
Então, se dou co'á porta ergo-lhe o trin...co,  
E filhos e mulher—entrando—espan....co.

Dos trastes co'o destroço a casa jun....co,  
E quando inda a mulher em pranto bron...co  
Os moveis chora, que espedaço, trun....co.

Já eu a somno solto durmo e ron.....co,  
Deilharga, ou para cima o beque adun...co,  
Deitado em brando leito como um tron...co.

(Traducção.)

## **O SEU RETRATO.**

Se a visse o mesmo Deus talvez pasmára.

A. LIMA.

Seus cabellos são castanhos,  
Gosto muito desta côr;  
Nas tranças compridas, bellas  
Parece pairar amor;  
Aos raios do sol ardente  
Nenhuns tem maior fulgor;  
Seus cabellos são castanhos,  
Gosto muito desta côr.

Côr da noite são seus olhos,  
Que outros olhos ha mais bellos ?  
Quaes em noss'alma despertam

Mais desejos, mais anhelos ?  
 Quaes d'amôr assim nos fallam  
 Maviosos e singelos ?  
 Cór da noite são seus olhos,  
 Que outros olhos ha mais bellos ?

Suas faces são morénas,  
 Queimou-as de amôr o fogo;  
 De gélo que o peito fôra  
 Por ellas ardêra logo,  
 Por ellas a Deos o impio  
 Dirigira humilde rogo;  
 Suas faces são morénas,  
 Queimou-as de amôr o fogo.

Sua bocca pequenina  
 É como um botão de rosa,  
 É linda quando está séria,  
 Quando ri é mais formosa:  
 Que lindas per'las a ornam !  
 Que pura neve lustrosa !  
 Sua bocca pequenina  
 É como um botão de rosa.

Sua mão tão delicada,  
 Tão pequenina, e tão bella,  
 Quem não dêra a vida toda  
 Por um só apêrto della ?  
 Quem um beijo delirante  
 Deixára d'imprimir n'ella ? ...  
 Que mãosinha tão macia !  
 Tão delicada, tão bella !

Seu seio . . . de vêl-o pasmo,  
Mas não digo encantos seus,  
Que os invejosos são tantos  
Como as estrellas dos ceos,  
E um cofre de tantas graças  
Causa inveja ao proprio Deos . . .  
É lindo seu seio . . . mata,  
Mas não digo encantos seus.

Não digo! e nem mais insisto  
Em retratar-lhe a lindeza;  
Que a mão treme, e a vista foge,  
Offuscada pela belleza:  
Taes encantos podem vêr-se,  
Pintal-os é louca empreza;  
Desisto pois do retrato,  
Não se pinta tal lindeza.

Janeiro de 1856.

## **SE TE AMO.**

(Traducção.)

**Pergunta ao triste preso acorrentado  
N'uma estreita prisão, sombria, escura,  
Se deseja aspirar, no flóreo prado,  
Em linda madrugada a brisa pura,  
E ouvir a tão suave melodia,  
Que entôa a natureza ao rei do dia.**

**Pergunta ao transviado caminhante  
Do Sahára no deserto magestoso,  
De fome e dura sêde palpitante,  
Se achar deseja oásis deleitoso,**

Lá quando pela tarde os olhos seus  
Alonga, e não vê mais que areia e ceos.

Ao náufrago infeliz, que a um rémo preso,  
Lucta contra as ondas sem cessar,  
Até que encára a morte com desprezo,  
Porque a esperança perdeu de se salvar;  
Pergunta-lhe, se a praia apetecida  
Vendo, acaso torna a amar a vida.

Emfim, á mãe que abraça o seu filhinho  
Abençoado fructo d'um amor primeiro,  
Pergunta-lhe se é santo o seu carinho,  
E puro, e generoso, e verdadeiro. . .  
Mas este fogo vendo em que m'inflammo,  
Não perguntés, ingrata, se te amo !

Março de 1856.

## **A UM ARROIO.**

(Traducção.)

Porque outra sorte buscas ancioso,  
Arroio christalino?  
Porque pedes que em rio caudaloso  
Te transforme o destino?  
E ambicioso para o mar potente  
Diriges a corrente?

Ai! arroio! Bem mostras que não sabes  
Quanto é doce a calma!  
Nas tuas aguas se refrescam as aves,  
E tu és vida e alma,  
Perfume, e louçania dessas flores,  
Às quaes das viço e cores.

A linda e matisada maripoza  
Em ti suas galas mira,  
E a pastora tão meiga, e tão formosa,  
Que de amores suspira,  
Aqui as flores colhe, arroio bello,  
Com que adorna o cabelo.

Até a selva, solitaria e triste,  
Se alegra ao escutar-te!  
E a rainha das noites não resiste  
Ao prazer de mirar-te!  
Olha-te, e amorosa em ti retrata  
Seu disco de alva prata.

Porque outra sorte buscas ancioso,  
Arroio christalino?  
Não sabes quanto vale esse repouso,  
Que te deu o destino?  
Ai! não, arroio, não! que se o souberas  
Teu curso detiveras!

1856.

**AO DIA 1.º DE DEZEMBRO.**

COMMEMORAÇÃO DA RESTAUBAÇÃO DE PORTUGAL EM 1640.

Não deixemos cahir no esquecimento  
Este dia—p'ra nós—tão glorioso!  
Faz annos hoje que na patria nossa  
De guerra o grito retumbou famoso!

Oh! sim! faz annos que estridente brado  
Do valle ao monte, da cidade á serra,  
Doce echoára—liberdade aos lusos,  
Chamando ás armas, convidando á guerra!

E velhos, moços acudiram promptos  
Da patria ao brado com ardor viril! . . .

Tremenda lucta sé travou gigante,  
Na qual cedêra despotismo vil! . . .

Mas não rasguemos essa antiga ferida,  
Que ao vencedor, e ao vencido enlucta;  
Se a provocar-nos outra vez voltarem  
Maldito seja quem tremer na lucta!

Oh! Sim! deixemos repouzar tranquillo  
Em paz eterna quem ha muito dorme!  
Porém guardemos pateral herança,  
Ah! não deixemos que a perder-se torne!

Que o mundo veja quanto em nós impera  
Amor da patria,—e nos será profiquo,  
Se um dia o facho se atear da guerra,  
Se o rufo ouvir-se do tambor longinquo!

Que a propria Hespanha, de jactancias livre,  
Trema do abysmo, que a attrahil-a está!  
Não queira os brios provocar de um povo,  
Que os seus soldados bem conhecem já!

Dezembro de 1861.

## O PORTUGUEZ.

POR OCCASIÃO DA INSTALAÇÃO DA SOCIEDADE HUMANITÁRIA—1.º DE DEZEMBRO.

.....  
Praticámos acções de tal pujança  
Que não podem cobrir-lhes a valia  
Nem as façanhas da moderna França,  
Que tanta gloria pelas armas toma,  
Nem os velhos annaes de Grecia e Roma.

MENDES LEAL JUNIOR.

De ser portuguez me ufano,  
Que a patria do lusitano  
De heróes o berço tem sido!  
Taes feitos e tanta gloria  
De certo não reza a historia  
Que outro paiz tenha tido!

Se os gregos, se os romanos,  
 Carthaginezes, troianos  
 Lograram ser decantados;  
 Dos lusos serão eternos  
 Os feitos, bem que modernos,  
 Em tudo mais arrojados.

Se aquelles domaram povos,  
 Deram leis, costumes novos  
 Á velha raça selvagem,  
 Nós de certo os excedemos,  
 Pois a terra, e o mar tivemos  
 Por completa vassalagem.

Fomos grandes!—Sobre a terra  
 Sustentamos crúa guerra,  
 E o mar dominamos sós!  
 Nem as hostes aguerridas,  
 Nem tormentas desabridas  
 Nos atterravam a nós! . . .

Tambem soffremos revezes,  
 Esgotando até ás fezes  
 O calice de amargura! . . .  
 Mas quem os não ha soffrido,  
 Por mais forte, ou mais valido  
 Da caprichosa ventura?

Tivemos, sim! longos dias,  
 De bem crueis agonias  
 Sob um dominio estrangeiro! . . .  
 Porém do nosso verdugo

**Jamais ao infame jugo  
Nos curvamos por inteiro !**

Co'os olhos na patria historia,  
Tão abundante de gloria,  
D'altos feitos tão repleta,  
Dispunhamos a contenda,  
Que afinal soou tremenda  
Co'a liberdade completa. . .

Hoje, embora decabidos,  
Somos ainda acolhidos  
Com respeito e sympathy.  
Já no mar não dominamos,  
Mas altivos o sulcamos  
Com destreza e galhardia.

Se como Albião e França  
Na politica balança  
Agora já não pezamos,  
Um lugar assás honroso  
No grande mappa espaçoso  
Das nações ainda occupamos.

Não temos fortes armadas,  
Nem já, puchando as espadas,  
O mundo tremer fazemos;  
Mas gozamos, com verdade,  
Tão extensa liberdade,  
Que a ninguem inveja temos.

**Do Brazil e do Oriente  
Já não temos o luzente**

Tão rico metal d'outr'ora!  
 Mas no trabalho, que cresce,  
 Mas na industria, que floresce,  
 Somos mais ricos agora.

Temos um rei illustrado,  
 Um monarcha, que invejado  
 Pelas demais nações é!  
 Temos um bello futuro  
 Além a sorrir seguro...  
 Temos crença, temos fé!

E, pois, d'hespanhoes sagazes  
 Não nos illudem fallazes  
 Promessas de flicidade!...  
 Que ventura pôde dar-nos  
 Quem mal pode acompanhar-nos  
 Em nossa prosperidade?

Somos felizes! Embora,  
 Sem as grandezas d'outr'ora,  
 Sem o tridente dos mares!  
 Que em nossa patria gentil  
 Nem reina o garrote vil,  
 Nem se fuzila aos milhares!...

Entre nós a liberdade  
 Tem cultos de divindade,  
 Pois como tal a adoramos:  
 Liberdade a todo o preço!

\* O Sr. D. Pedro V, cuja morte eu ignorava ao escrever estas linhas.

Com ella a paz, e o progresso,  
Eis os bens a que aspiramos! . . .

Na fortuna, ou nos revezes,  
No *bem*, no *mal* . . . portuguezes  
Queremos ser, quaes sempre fomos!  
Não nos deslumbra a ventura,  
Descripta em falsa pintura,  
*Queremos só ser o que somos!*

E eu de ser luso me ufano,  
Que a patria do lusitano  
De heroes o berço tem sido!  
Taes feitos, e tanta gloria  
De certo não reza a historia  
Que outro paiz tenha tido.

Dezembro de 1861.

## PRIMEIRO AMOR.

.....a outro agora  
Te prende perpetuo nó;  
Sê feliz; um triste embora  
No mundo se veja só!

A. LIMA.

Qual em meus dias da saudosa infancia  
Eu a sonhava, divagando aérea,  
Assim na terra me appareceu a virgem,  
Como descida da mansão ethérea.

Donosas formas, divinal semblante,  
Meigo sorriso, virginal pudor;  
Não sei se fada, se mulher, ou anjo...  
Votei á virgem meu primeiro amor !

Amei-a muito! mas soffri calado  
O sentimento, que abrazou minh'alma:  
Embora puro, meu amor só tinha  
Do soffrimento a partilhar a palma . . .

Ella era d'outro! e o dever m'impunha  
O esquecimento deste amor sem fim:  
Tentei fazel-o, mas baldado empenho,  
Que amor primeiro não se esquece assim!

Hoje, se a vejo, como outr'ora, sinto  
Por ella o peito palpitar ainda;  
Se os olhos fecho, da minh'alma os olhos  
Mostram-me sempre sua imagem linda.

Porém debalde, minha doce vida,  
Paixão ardente para ti m'impelle!  
Oh! não receies que eu ceder pudesse  
A um sentimento, que o dever repelle!

486...

## **DECLARAÇÃO.**

**Je l'aime comme un être au dessus de ma vie.**

**V. HUGO.**

**Fallei-lhe ! disse que a amava !  
Ella sorrio-se e corou !  
Poucas palavras me disse,  
Mas pareceu-me que acceitou,  
Pois nos seus olhos tão meigos  
Doce alegria brilhou:  
Fallei-lhe ! disse que a amava !  
Ella sorrio-se e corou !**

**Corou ! e ficou tão linda,  
Como ainda nunca a vi !  
No seio, que meigo arfava,**

Todo o meu destino li;  
 Quanta ventura ha no mundo  
 Toda, toda estava alli!  
 Corou! e ficou tão linda  
 Como ainda nunca a vi!

Tremiam-lhe brandamente  
 Os labios, quando fallava;  
 Pouco dizia, e comtudo,  
 Mil phrases eu lh'escutava:  
 Que terna voz em minh'alma  
 Docemente então soava!  
 Tremiam-lhe brandamente  
 Os labios, quando fallava.

Tão linda, tão linda estava,  
 Que o proprio Deus a invejara!  
 Tão terna, que o mesmo gelo  
 Por seus olhos s'inflamara:  
 Oh! quem nesse doce instante  
 De amar a virgem deixára?  
 Tão linda, tão linda estava,  
 Que o proprio Deus a invejara!

À virgem abri meu peito!  
 Mostrei quanto amor lhe tinha!  
 Nelle ergui um throno, aonde  
 Ella impera, qual rainha,  
 Pois por ella eu dera tudo,  
 Dera a propria vida minha!  
 À virgem abri meu peito!  
 Mostrei quanto amor lhe tinha!

Fallei-lhe! Disse que a amava!  
Ella sorrio-se, e corou!  
Pouco me disse, e comtudo  
O meu amor acceitou;  
Pois nos seus olhos tão meigos  
Doce alegria brilhou:  
Fallei-lhe! Disse que a amava!  
Ella sorrio-se, e corou!

186...

## OS CÃES.

( Tradução. )

Um cãosinho  
Se mostrava  
A seu dono,  
Com entôno,  
E ladrava  
Com furor.

Só callava,  
Quando via,

Que attendido  
 Seu latido,  
 Elle dizia:  
*Ladrador!*

Então ia  
 Pressuroso,  
 E o lambia,  
 E lh'off'recia,  
 Carinhoso,  
 Sua afeição.

Outro cão,  
 Que não entende  
 Artimanha  
 Tão estranha,  
 Nem compr'hende  
 Sua intenção,

Diz ao dogue:  
 Não m'informas  
 Ao que attinges,  
 Quando finges  
 Varias formas,  
 Tão veloz?

É, de certo,  
 Uma'stulticia! . . .  
 O rosnido  
 Convertido  
 Em caricia,  
 Logo após!

Quando ladro,  
 Se prometto,  
 De repente,  
 Qual valente,  
 Accometo  
 Com ardor.

Nunca adulo:  
 Se ao estranho  
 Mórdo féro,  
 Ao que quero,  
 Sem amanho,  
 Mostro amor.

Não me entendes,  
 Lhe replica  
 O companheiro!  
 Sou matreiro!  
 E isto explica  
 A invenção.

Certamente  
 Que meu amo  
 (Cousa clara!)  
 Me olvidára,  
 Se não chamô  
 Sua attenção.

Nem os mimos  
 Gozaria,  
 Que o latido  
 Me ha valido;

Nem sab'ria  
Que aqui'stou !

Causar damno  
Não empr'hendo,  
Mas lembrar-me . . .  
Segurar-me  
O que pretendo,  
Déstro vou.

Do câosinho  
Julgo houveram  
Deputados,  
Avisados,  
Que aprenderam  
A lição;

Pois, seguindo  
Seu registro,  
Fazem fogo,  
E lambem logo,  
Se o ministro  
Lhes dá pão.

## O VAREIRO.

NO ALBUM DO MEU AMIGO J. C. FRAGOSO.

Sou vareiro!—meu traje tão pobre  
Não me pôde occultar a ninguém!  
Mas á porta do rico, ou do nobre  
Não me humilho a pedir um vintem.

Não me curvo do grande á riqueza,  
Nem dos nobres acceito um ceitel,  
Pois prefiro uma honrosa pobreza  
Á lisonja rasteira, e servil.

Neste braço, tão forte e robusto,  
 Tenho arrimo constante e seguro,  
 Pois encáro o trabalho sem custo,  
 O trabalho inda mesmo o mais duro.

Quando o mar, com terriveis lamentos,  
 Faz tremer toda a terra em redor,  
 Quando sopram mais rijos os ventos,  
 Tristes nuncios das scenas de horror;

Quando em roda furtiva olhadella  
 Lança pallido audaz marinheiro;  
 Tremem todos, então, da procella,  
 Só não treme o indomável vareiro!

Ai! embora nas aguas sepulto  
 Eu me fique, com meus companheiros,  
 Ninguem diga, visando-me o vulto,  
 Que eu tremera!—Que tremem vareiros! . . .

E se os p'rigos o peito endurecem,  
 Na constancia das scenas de horror,  
 Nem por isso em minh'alma arrefecem  
 Sentimentos de candido amor. . .

Pois se acaso, á procella horrorosa,  
 Eu consigo, com vida, escapar,  
 Bem depressa os filhinhos, a esposa  
 Taes fadigas me fazem olvidar.

Seus carinhos e amor verdadeiro  
 Extasiam minh'alma singela,

E ao gosál-os, eu, pobre vareiro,  
Sou feliz!—acho a vida tão bella! . . .

Muito embora carente de meios,  
Meu viver na alegria se expande:  
Goso, pobre, tão doces enleios  
Como nunca gosou nenhum grande.

Nem dos grandes invejo a riqueza,  
Que a par della também ha espinhos,  
E eu prefiro esta alegre pobreza  
Da riqueza aos mentidos carinhos.

Do trabalho o recurso me basta:  
Assim Deus me dê vida e saúde!  
E esta fronte jámais não se arrasta,  
Que adular a ninguém nunca pode.

Sou vareiro!—meu traje tão pobre  
Não me póde occultar a ninguém;  
Mas á porta do rico, ou do nobre  
Não me humilho a pedir um vintem.

Março de 1863.

## O CARREIRO DAS ESTRADAS DO PORTO

E O

### CANTAR DO CARRO.

Entre gostos lá diz o ditado,  
Que não deve ninguém disputar:  
Cá por mim acho o dito acertado,  
E não quero a asserção contestar;  
Pois o gosto, p'ra mim, mais prezado  
É ouvir o meu carro a cantar.

Tão doces accentos,  
Tão terna harmonia,  
Ouvir eu quizera  
De noite e de dia.

A rabeça do *Tio Serejo*  
 Toca cousas, que faz espantar,  
 E na aldêa ninguem perde ensejo  
 De seus toques bem alto louvar:  
 —Cá por mim, que sou —*pão, queijo, queijo,*  
 Gosto mais do meu carro a cantar.

É muito mais doce  
 Seu canto sentido;  
 Ao menos da gente  
 Não fer'o ouvido.

As cantigas da *Zefa da Tenda*  
 Causam rixas, e ha páo a faltar:  
 Todos querem que a gente se renda  
 Da cachopa ás cantigas sem par:  
 —Cá por mim dou por fñda a contenda,  
 Preferindo o meu carro a cantar.

E venham dizer-me;  
 «Que gosto tão máo!»  
 Verão como canta  
 Nas costas um páo.

Para a festa de *Santo Agapito*,  
 Foi-se a musica ao Porto buscar:  
 Toda a aldêa confirma n'um grito  
 Que não ha quem n'a possa egualar:  
 —Cá por mim inda digo, e repito,  
 Que prefiro o meu carro a cantar.

São gostos ! Já disse !  
 Quem póde prival-os ?  
 Peor trinta vezes  
 É querer egualal-os ! . . .

Um famoso cantor *Taliano*,  
 (Pois corista lhe ouvi eu chamar,)  
 Cantou lá pela aldêa este anno,  
*E era tudo* seu canto a gabar:  
 —Cá por mim disse logo: É engano !  
 Gosto mais do meu carro a cantar.

Não grita tão forte,  
 Não berra tão alto ! . . .  
 De espanto o corista  
 Me fez dar um salto !

Entre todos os carros da estrada,  
 O meu carro se póde extremar,  
 Pois tão doce, tão certa toada,  
 Nenhum outro é capaz de mostrar:  
 —Cá por mim não m'importa mais nada,  
 Quando um carro ouço assim a cantar.

## **UNIÃO.**

Ligados por santos laços,  
Brazileiros, portuguezes,  
Devem ser como um só povo,  
Na fortuna, ou nos reveses.

Do mesmo tronco oriundos,  
Da mesma estirpe nascidos,  
Mostra a razão, e o bom senso,  
Que devem marchar unidos.

Se as glórias dos portuguezes  
Reflectem nos brazileiros,

Tambem dos bons feitos destes  
São aquelles os herdeiros.

Não pód'um deprimir outro,  
Porque a si proprio deprime!  
Que assim como reflecte a gloria,  
Tambem se reflecte o crime.

Se este áquelle arguir pensa,  
Muito máo caminho vae;  
Que hade a consciencia bradar-lhe:  
—Repara que elle é teu pae!

Se aquelle a este o intenta,  
Tambem não segue bom trilbo;  
Pois lhe brada a voz do sangue:  
—Repara que elle é teu filho!

E, pois, que são os dois povos  
Do mesmo tronco nascidos,  
Mostra a razão, e o bom senso,  
Que devem marchar unidos.

## CIUMES DE UM ALDEÃO.

AO MEU AMIGO HENRIQUE EDUARDO COSTA.

Com a filha do *Braz de Lameiro*  
'Stava o meu casamento tratado,  
E devia, no mez de Janeiro,  
Ser a effeito o consorcio levado:  
Nisto chega do Porto um bregeiro,  
E eis o caldo p'ra logo entornado;  
Mas eu juro que o meu fidalguinho  
Hade o pêsso provar do cerquinho !

Hontem proximo á *quinta da egreja*  
De fallar-lhe buscou elle ensejo;  
Escondi-me, e, ralado de inveja,  
Vi eu mesmo lograr seu desejo,

Pois com poucas *chimpanou*—salvo seja,  
 Na cachopa não menos que um beijo!  
     Mas eu juro que o meu fidalguinho  
     Hade o pêso provar do cerquinho!

Pela festa de *Santa Luzia*  
 Divirtio-se o magano a faltar :  
 Veio a noite, acabara-se o dia,  
 E elle sempre a cachopa a rondar !  
 Quando manso fallava, ella ria . . .  
 E eu de raiva no peito a abafar ! . . .  
     Mas eu juro que o meu fidalguinho  
     Hade o pêso provar do cerquinho!

Hoje fomos á missa, e na vinda  
 O tunante a seu lado seguia;  
 De mansinho chamava-lhe *linda*,  
 E a sonsinha corava e sorria ! . . .  
 De esmagal-o contive-me ainda,  
 Bem que a raiva no peito fervia;  
     Mas eu juro que o meu fidalguinho  
     Hade o pêso provar do cerquinho!

D'ella á porta a fallar se quedaram,  
 E eu tambem me quedei para vêr:  
 Despediram-se, e as mãos apertaram  
 Na effusão do mais terno prazer:  
 Em mim julgo que nem attentaram ! . . .  
 Tal desprezo inda pude soffrer ! . . .  
     Mas eu juro que o meu fidalguinho  
     Hade o pêso provar do cerquinho!

Na *arrancada* \* da casa do *Bento*  
 Houve á noite folguedo e festança,  
 E o peralta, sem mais comprimento,  
 Tomou conta da moça na dansa...  
 Enlaçou-a de vezes um cento,  
 Sempre olhando p'ra mim com chibança,  
     Mas eu juro que o meu fidalguinho  
     Hade o pêso provar do cerquinho! ...

Oh! caluda!—que o tal petulante  
 Surrateiro lá vem para baixo!  
 Se passar por aqui,—n'um instante,  
 Juro n'alma que os bombros lhe racho! ...  
 Lá vem elle! ... o lugar é distante...  
 Leva tunda, que os ossos lhe escacho! ...  
 . . . . .  
     Bem! Agora já o meu fidalguinho  
     Sabe o pêso que tem um cerquinho!

1863.

\* Arrancamento do linho.

### **O EXTRAVAGANTE.**

Se às vezes acontece (e não é raro !)  
Eu não ter n'algibeira um só real,  
Nãoensem que me vou tornar avaro,  
Se outra vez chego a ter algum metal !  
Meu modo de pensar é muito claro  
Em tudo que respeita a assumpto tal:  
Se o dinheiro é p'ra andar, é p'ra correr,  
Como posso deixal-o adormecer ?

Em vida de meu pae já assim pensava,  
Embora o desgostasse amargamente  
E se mais nesse tempo eu não gastava

Era só por não ter inteiramente;  
 Pois quanto mais o velho me pregava:  
 «Não gastes, não esbanjes loucamente!»  
 Mais alto me par'cia ouvir soar  
 No peito a doce voz: «gastar! gastar!»

Emfim, morrendo o velho, achei-me herdeiro  
 De uma somma a que chamão colossal;  
 Jurei de pôr a andar tanto dinheiro,  
 E em fazel-o empreguei esforço tal,  
 Que em menos de dois annos—todo inteiro  
 Tinha gasto esse immenso cabedal!  
 Fiquei depois na triste pingadeira,  
 Mas ao menos gozei! não fiz asneira!

Tive amigos tão bons, tão dedicados,  
 Que jámais minha casa abandonavão,  
 Que empregavão comigo taes cuidados,  
 Que os pensamentos meus advinhavão;  
 Amigos, por tal forma desvelados,  
 Que meus gostos jámais contrariavão,  
 Pois vendo que o meu fraco era gastar,  
 Raramente insistião p'ra pagar!

Uma cousa sómente me entristece  
 Através da lembrança desses dias:  
 É vêr que nenhum hoje me apparece  
 Dos antigos amigos das folias!  
 Se algum passa por mim não me *conhece*,  
 Ou as vistas me lança mui sombrias! . . .  
 Se eu tornar a ter dias prazenteiros,  
 Amigos buscarei mais verdadeiros! . . .

Tambem alguma vez me vem á ideia  
 O que o velho, chorando, me agourava:  
 —Que eu iria parar n'uma cadeia  
 Se d'este vicio meu não me emendava!  
 E vejo que hoje pouco distanceia  
 De mim o tal lugar em que elle fallava,  
 Não me faz, porém, isso estremecer,  
 Que alli terei ao menos que comer...

E se acaso me vem alguma herança  
 Novamente tirar destes apuros? ...  
 Oh! que se eu apanho tal pitaça,  
 Amigos tornarei a ter seguros!  
 Pois então gastarei com mais chibança,  
 Zombando dos paternos esconjuros! ...  
 Ai! como me appraz ouvir soar  
 No peito a doce voz: «gastar! gastar! ...»

—

Assim diz, assim pensa o extravagante,  
 Cedendo á mais funesta inclinação!  
 Assim troca por gozos d'um instante  
 Aquelles de mais larga duração!  
 Nem mesmo a voz de um pae agonizante  
 Trazel-o póde á boa e sã razão!  
 Lamentai-o, porém; pois da saccóla  
 Por fim lançará mão, pedindo esmola!

## **O MÁO FILHO.**

É um homem, meu pae, mui quizilento!  
Comigo ralha já por devoção!  
Não está junto a mim um só momento,  
Que não julgue opportuno algum sermão!  
Parece que me quer p'ra algum convento,  
Ou, quem sabe? . . . talvez p'ra sachristão! . . .  
Se as cousas continuam deste modo,  
O respeito lhe perco então de todo!

Que birra! que constante impertinencia!  
Que execrável systema de opprimir-me!  
Sou moço, e quer que eu faça penitencia!?  
É velho, e quer meus gostos prohibir-me!?

Não posso supportar tal dependencia !  
 Não quero aos seus preceitos mais cingir-me !  
 Se dos filhos pretende ser verdugo,  
 Saiba que não soffro nenhum jugo !

Se vou a um theatro, sem licença,  
 Ou não venho p'ra casa alguma noite,  
 Na volta é sempre certa a desavença:  
 Não ha nada a que o velho não se affoite . . .  
 O sermão infernal, pratica immensa  
 Tambem ferem ás vezes como açoite ! . . .  
 Se as cousas continuam deste modo,  
 O respeito lhe perco então de todo !

Assim raivoso clamava,  
 Contra o autor de seus dias,  
 Um máo filho, aquem cercava  
 Roda de infames harpias !

Já de gritar está rouco  
 Contra o direito paterno,  
 Sem se lembrar, pobre louco,  
 Que se despenha no inferno ! . . .

E mil applausos retumbam  
 Em torno, com vil cinismo;  
 Applausos com que o deslumbram,  
 Para o lançarem no abysmo !

Oh ! desviêmos a vista  
 Do filho amaldiçoado !

Vae-lhe o castigo na pista,  
Tem de acabar desgraçado!!

---

E eu, que tenho um filho pequenino,  
E fui sempre a meus paes muito sujeito,  
Tremo do attentado tão indino,  
E peço a Deus do fundo do meu peito,  
Que ou conceda a meu filho um bom destino,  
Conjunto sempre ao filial respeito,  
Ou ponha aos dias seus terrestre fim,  
Evitando tal sorte a elle e a mim.

1863.

## A MEU FILHINHO \*

Anda cá, oh meu filhinho,  
Vem sentar-te ao pé de mim:  
Has de ser sempre amiguinho  
De teu pae,—não é assim?...

Has de amal-o ternamente,  
Fazer-lhe sempre a vontade?  
Ser respeitoso, obediente...  
Que dizes?—não é verdade?...

«Sim papae!» Pois bem filhinho!  
Recebe em paga um abraço...

\* De seis annos de idade incompletos, e ha seis mezes orphão da mais extremosa das mães.

Aperte agora nm beijinho  
Deste amôr o santo laço...

Assim...—Agora repara  
No que teu pae vae dizer;  
Já tens a razão mui clara,  
Já podes bem comprehender:

Ha na vida dois caminhos,  
Em que é bom tomar sentido;  
Um guarneçido d'espinhos,  
Outro de flor's guarneçido.

Um—do ceu—estrada amena,  
Outro—o caminho do inferno...  
Ha naquelle ventura plena,  
Ha neste o castigo eterno.

O filho mal procedido,  
Que não respeita seu pae,  
Segue o caminho perdido,  
Porque o demonio o attrahe;

Porém o filho obediente,  
Que ama seu pae, e respeita...  
A esse... um anjo innocente  
Aponta a estrada direita.

Deves, por tanto, filhinho,  
Proceder sempre mui bem,  
Seguir sempre o bom caminho,  
Onde te espera mamãe...

Sim! meu anjo! mamãesinha  
Aguarda alli seu filhinho...  
Que desgosto que ella tinha,  
Se seguisses máo caminho!?

Procede, pois, sempre bem:  
Tem juizo, sê discreto...  
Tu promettes, por... mamãe?  
«Oh! sim, papae, eu prometto!»

Julho de 1863.

## ESPOSA E MÃE.

AO PREMATURO PASSAMENTO DE MINHA PREZADA ESPOSA, D. SE-  
BASTIANA JOSEFA GUTERRES SANTOS, NO INFAUSTO DIA 13 DE  
JANEIRO DE 1863.

Agora da mãe, da esposa,  
Resta a dôr.  
J. DE LENOS.

Tinha dos anjos a candura estreme,  
Ninguém sorria com doçura tanta;  
Seus olhos meigos, e feições serenas  
Celeste ideia despertavam n'alma.

Ninguém, ao vê-la, de sentir deixava  
O doce enlêvo, que esparzia em torno;  
Da curta vida na tormenta acerba,  
Êra o santelmo que annuncia a calma.

Nasceo p'ra amar, e na existencia breve,  
 Amou de véras com subido extrêmo;  
 Ninguem podera disputar-lhe a palma  
 De terna esposa, e carinhosa mãe,

Ninguem mais alto se elevou no empenho  
 De bem cumprir esta missão celeste;  
 Como irman terna, e desvelada filha,  
 Ninguem mais alto se elevou também.

Éra um compendio de virtude rara,  
 Éra um thesouro de valor sem conta,  
 Éra uma rosa sem um só espinho,  
 Modesta e linda no jardim da vida.

Era uma estrella, que rasgando o manto  
 Da escura noite, com intenso brilho,  
 Sorri ao nauta na soidão dos mares,  
 Mostra-lhe a senda que julgou perdida.

Éra o enlêvo dos meus verdes annos,  
 Donosa fada qu'eu sonhára então,  
 Visão aérea, vaporosa imagem,  
 Que a infancia minha de fulgôr dourára.

Éra uma fonte de ternura perénne,  
 Que não se esgota, que jamais se exhaure,  
 Doce refugio, conchegado abrigo  
 Nas tempestades de uma vida amara.

Éra, no exilio, confidente meiga  
 Das minhas penas, ou contentamentos,

Amiga certa, companheira assidua,  
Sempre a meu lado, a vigiar por mim.

Éra uma vida que por mim vivia,  
Que a mim se unira por estreito laço,  
Ídolo santo, por quem eu lidava,  
Mãe de meu filho, minha esposa emfim! . . .

E veio a morte, e do jardim da vida  
A flôr mais bella não temeu ceifar;  
E ao desamparo o botãosinho tenro,  
Que ella abrigava, na orphandade deixa!

E veio a morte, e surprehendeo no ninho  
A meiga rôla, que o filhinho aquece;  
Desfecha o golpe, e a coitada expira,  
Sem mesmo ouvir-se-lhe a mais leve queixa!

E veio a morte co'a tremenda foice  
Corta-lhe os dias da existencia querida;  
E ao duro golpe succumbio serena,  
Qual sempre fôra, quem eu tanto amei!

E ao duro golpe se apagou a estrella,  
Que toda amôres me sorrio na vida;  
No chão da morte desfolhou-se a rosa,  
Desfez-se a imagem, que a sonhar criei! . . .

## O VELHO.

OU O PRESENTE E O PASSADO.

Todos me chamam carrança,  
Velhote do tempo antigo!  
Hoje até qualquer creança  
Se atreve a mangar comigo!

Conta-me cousas e lousas  
Do seu feliz modernismo,  
E se lhe opponho outras cousas,  
Diz logo que é carrancismo.

Quer do seu *bello* presente  
Elogiar tudo a êsmo,

Mas ao velho não consente  
Dizer do passado o mesmo . . .

É boa! . . . Faltava isto  
P'ra ir do progresso ao cabo!  
Que para si queira Christo,  
Para os outros o Diabo!

Bem sei que sou do regresso,  
Que nasci na escuridão,  
Mas esta luz e progresso  
A mim não me agrada, não!

«O mundo marcha!»—diz um;  
«Feliz tempo!»—um outro grita,  
E afinal não ha nenhum  
Qu'isto mesmo não repita!

O progresso em toda a parte  
Enchergam todos mui bem,  
Mas não ha ninguem que aparte  
Do trigo o jôio, ninguem!

Façam embora aos milhares  
Vapôres, carris de ferro . . .  
Ensêbem os calcanhares  
Do mundo, que andava pêrro:

Vão a galope, e ligeiros,  
Já que o tempo é de correr,  
Mas não queiram, traiçoeiros,  
As mazellas esconder.

Todos marcham, é verdade,  
 Mas de carro é só quem é;  
 Que a virtude e a proíbidade  
 Andam descalças, e a pé! . . .

Não faço guerra ao progresso;  
 Antes o applaudo, e bemdigo,  
 Com ser homem do regresso,  
 Velhote do tempo antigo;

Mas permittam que me opponha  
 Á louvatória toada;  
 Que o sentimento, e a vergonha  
 Não têm progredido nada!

Isto de andar a galope  
 Bem sei que é moderna ideia;  
 Mas quantos, chegando ao tope,  
 Vão esbarrar na cadeia? . . .

Da cara, outr'ora, um cabello  
 Formava um penhor de lei;  
 Hoje mil caras e pélllo  
 Se valeriam não sei!

Os modernos descobriram  
 Muitas cousas, certo é!  
 Mas também muitas fugiram,  
 Como a honra, e boa fé! . . .

Hoje brilham, na verdade,  
 Mais vivos da sciencia os lumes,

Porém da passada idade  
Eram melhor's os costumes!

Era o homem mais honesto,  
A mulher mais recatada,  
O vicio menos infesto,  
A moral mais respeitada...

---

E eu prefiro o regresso  
Do tempo da escuridão  
A esta luz, e progresso,  
Com tamanha corrupção.

Eu prefiro a noite densa,  
Que acoberta a honestidade,  
Do dia á luz mais intensa,  
Que mostra a immoralidade.

Eu prefiro a singeleza  
E a candura do ignorante,  
Á sapiente esperteza  
Do refinado tratante!...

**PAIXÃO PELOS DOUTORES.**

(Allusão.)

**FILHA.** Meu pae, eu quero casar-me,  
E quanto antes melhor!

**PAE.** Casar-te, filha, e com quem?

**FILHA.** Oh! meu pae! . . . com um doutor! . . .

1863.

**MEZ DE AGOSTO NA MINHA ALDÉA.**

**AO MEU AMIGO JOÃO VICENTE RIBEIRO.**

Ai quem me dera gosar,  
Na minha aldéa querida,  
A alegre, innocente vida,  
Que este mez me faz lembrar !  
Ai que saudades eu sinto !  
Ai quem me dera lá estar ! . . .

Parece que estou ouvindo,  
Na festiva romaria,  
Com a engraçada *Maria*  
O *Manoel* se delambindo !  
Ao som da meiga violla,  
Ora alegre, ora carpindo !

Na assucarada cantiga,  
A cada jura de amor,  
Tinge mimoso rubor  
As faces da rapariga!  
Mas nem assim da resposta  
Aquella se desobriga!

Innocente como as flores,  
A meiga filha d'aldeia,  
Em parte alguma receia  
Conversar nos seus amores!  
Ai! feliz de quem aspira  
Desta florinha os odôres!...

Que lindo rosto engraçado  
Tem aquella que alli dança!  
Como, sorrindo, se lança  
Nos braços do namorado!  
Como transpira em seu todo  
Um modo tão descuidado!

De paixão ninguem se isenta,  
Vendo est'outra,—que enfeitica,  
Se a grossa perna roliça  
Até á curva appresenta!  
Vão-se os olhos na cachopa,  
E ella nem nisso attenta!

Que formosa ingenuidade  
Tem o viver nas aldeias!  
Como alli são tão alheias  
As intrigas da cidade!

Tudo no campo respira  
Singeleza e liberdade!

Ai quem me dera gosar,  
Na minha aldêa querida,  
A alegre, innocente vida,  
Que este mez me faz lembrar!  
Ai que saudades eu sinto!  
Ai! quem me dera lá estar!

Na ruidosa *espadellada*,  
Que alegre noite se passa!  
Aqui conversa com graça  
O pimpão co'a namorada;  
Alli um grupo descanta  
Melodiosa toada!

Esta falla do embuçado  
Muito mansinho ao ouvido,  
Solta aquella um ai sentido,  
Por não ter um *conversado*;  
Acolhe ás risadas outra  
Chistoso dito engraçado!

Occulto no seu *gabão*,  
Namorado *serandeiro*,  
Às moças presenta o cheiro  
Do verde mangericão,  
E em desejos ardem todas  
Por saber quem é,—em vão!

Mas nem por isso se nega  
Bom trato ao desconhecido,

Que é sempre bem acolhido  
 De todas a quem se chega;  
 Nem,—se lhes falla em segredo—  
 A malidicencia pega! . . .

Conversa-se alegremente,  
 Com livre, doce expansão;  
 Canta-se, e ri, mas a mão  
 Da cachopa diligente  
 O trabalho um só instante,  
 Por isso, não deixa, não!

Ligeira sobre o *cortiço*  
 A lisa, fina *espadella*,  
 Parece, nas mãos da bella,  
 Moviada por um feitiço!  
 Tal é o amor consagrado  
 Nas aldéas ao serviço!

Ai quem me dera gosar,  
 Na minha aldêa querida,  
 A alegre, innocente vida,  
 Que este mez me faz lembrar!  
 Ai que saudades eu sinto!  
 Ai! quem me dera lá estar!

Este mez—ás alegrias  
 È n'aldêa consagrado,  
 E o trabalho suavizado  
 Por innocentes folias;  
 Pois nas fadigas se ajudam  
 As visinhas freguezias.

É o mez das *esfolhadas*,  
 E das *malhadas* tambem;  
 E logo em segnida vem  
 As alegres *vendimadas* ;  
 Em festas e romarias  
 Este mez rival não tem !

Neste mez, ao lavrador,  
 Mostra o campo os seus productos,  
 E o pomar seus bellos fructos  
 De variado sabôr;  
 Da ramada pende o cacho  
 De roxa, mimosa côr !

Formosa abundancia agora,  
 Se mostra por toda a parte :  
 Co'o pobre o rico reparte ;  
 Ninguem seu viver deplora !  
 Brilha de todos no gesto  
 A alegria encantadora !

Por toda a aldêa a cantiga,  
 Em desafio amoroso,  
 Mostra deste mez ditoso  
 A doce influencia amiga !  
 Alegres conversam velhos,  
 Folga o moço, a rapariga !

Que risonho paraizo  
 Se ostenta uma aldêa agora !  
 Se alguem seu viver deplora,  
 De certo perdêra o sizo !

Pois em todos os semblantes  
Se estampa a alegria, o riso!

Ai quem me dera gosar,  
Na minha aldêa querida,  
A alegre, innocente vida,  
Que este mez me faz lembrar!  
Ai que saudades eu sinto!  
Ai quem me dera lá estar!

1863.

### A VELHA DO SOALHEIRO.

Dizem todos que *André Saramágo*  
Tem dinheiro, que vae tudo raso!  
Se me derem do *verde* um bom trago  
A dizer como o tem eu m'emprazo...  
*Certo morto*... lá junto do *Lago*,  
Já não falla... mas eu sei do caso...

E a velhinha, com gesto matreiro,  
Murmuravø, sentada ao soalheiro!

O *Themóteo Soágem d'Arruda*,  
Que ha bem pouco era pobre tambem,  
Hoje arrota, que Deos nos acuda!  
Pois só falla nas rendas que tem!...

Como as houve sei eu... mas... caluda!  
Que por ora fallar não convém...

E a velhinha, com gesto matreiro,  
Murmurava sentada ao soalheiro!

Os rapazes do *Ambrozio Menezes*  
Mandam ouro p'ra aqui, que se fartam!  
No Brazil são viscondes, marquezes...  
Com o pae bom é pois que repartam...  
Só meu neto, que foi ha seis mezes,  
Nada manda,—mãos raios o partam!

E a velhinha, com gesto matreiro,  
Murmurava sentada ao soalheiro!

A *Jacinta*, da *Rosa da Esquina*,  
Vae casar-se com o *Braz*, de *Pindello*:\*  
A cachopa—de certo—foi fina;  
Porém elle é chapado camello!  
Pois affirma a comadre *Christina*  
Que ella *andára* com o *Reis*, de *Bostello*!\*\*

E a velhinha, com gesto matreiro,  
Murmurava sentada ao soalheiro!

Esta noite o *Crispim da Tapada*,  
Que anda fóra da lei do Senhor,  
A mulher estafou de pancada,  
E assacou-lhe um peccado... que horror!...

\* Freguezia na provincia da Beira-Baixa.

\*\* Lugar, idem.

—Que ella gosta de ser *confessada*  
Pelo santo do nosso Reitor! . . .

E a velhinha, com gesto matreiro,  
Murmurava sentada ao soalheiro!

Ao *Martinho Seródio do Combro*  
Apareceo-lhe uma noite o diabo!  
Bateu palmas, saltou-lhe no hombro,  
Açoitando-o, por fim, com o rabo!  
Este facto não causa-me assombro,  
Pois do pae . . . o *Martinho* . . . *deu cabo!*

E a velhinha, com gesto matreiro,  
Murmurava sentada ao soalheiro!

E narrando mil cousas tremendas,  
Umhas falsas, as outras suppostas,  
A velhinha provoca contendadas,  
Que hão de vir inda a dar-lhe nas *costas!* . . .  
Mas em quanto, por tão *boas prendas*,  
Não lhe fazem os hombros em postas,

A velhinha, com gesto matreiro,  
Lá murmura sentada ao soalheiro! . . .

## DEPOIS QUE TE VI.

Formosa morena,  
Não sejas esquiva!  
Minh'alma—captiva  
D'amor é por ti!  
Meus olhos t'ó dizem,  
Portanto não nego...  
Perdi o socego,  
Depois que te vi!

Fugio-me a alegria  
Da vida serena,  
Formosa morena,  
Depois que te vi!  
Não sejas esquiva!

Ninguem te amaria . . .  
 Ninguem morreria,  
 Qual morro por ti !

Os dias, as noites  
 Eu passo scismando,  
 A mente occupando  
 Sómente de ti !  
 Embalde se ostentam  
 Garbosas e bellas,  
 As outras donzellas,  
 Depois que te vi !

Nenhuma—de tantas—  
 A amar me condena,  
 Formosa morena,  
 Depois que te vi !  
 És tu entre as bellas  
 Formosa rainha !  
 Ah ! diz'-me que és minha,  
 Que eu morro por ti !

Ah ! diz'-me que és minha,  
 Não sejas esquiva !  
 Qu'est'alma—captiva  
 D'amor é por ti !  
 Fugio-me a alegria  
 Da vida serena,  
 Formosa morena,  
 Depois que te vi !

## O MEU RETRATO.

Cabellos negros, sobrançella espessa,  
Os olhos grandes, regular nariz,  
A tez morena, muita barba, e negra . . .  
Eis o retrato, — que a mim proprio fiz.

### NOTE BEM.

Não sou tão lindo, que as mulheres tente,  
Nem tão horrendo, que fugir as faça;  
Não sou facéto, que pareça bôbo,  
Nem tão casmurro, que não tenha graça.

Não sou tão sabio, que deslumbre o mundo,  
Nem tão alárve, que lhe infunda tédio.  
Deste *meu todo*, — muito embora riam, —  
Eu 'stou contente, — pois não ha remedio.



**AO SR. J. R. D'OLIVEIRA SANTOS,**

**AMENO E MUITO ESPERANÇOSO POETA PORTUGUEZ.**

**SONETO.**

Oh seculo ferrenho! a teu não grado,  
Ha quem preze a razão, quem preze as artes!

**BOCAGE, EPIST.**

Se o nome de Camões sempre está vivo  
Nas paginas, que aos Lusos celebrarão;  
E o Indo e o Ganges de correr deixarão,  
Para o canto lhe ouvir ardente e altivo:

Eu, que sou Luso, e de o ser derivo  
Sentimentos, que as musas me inspirarão,  
Se os fados meus seus louros me negarão,  
De engrandece-lo, ao menos, me não privo,

E tu, que tanto a nação lastimas,  
A nação de Albuquerque e Ataydes;  
Teu pranto, ó cysne, é justo que reprimas.

O tempo tem mais forças, do que Alcides . . .  
Vate, que tanto Portugal sublimas,  
Que elle torne ao que fôra, não duvides . . .

Pelo Professor

**M. F. FREIRE.**

(Do «Globo» n. 11 de 10 de fevereiro de 1852.)

**AO ILLM. SR. J. R. D'O. SANTOS,**

**AO LER A SUA POESIA**

**UM SONHO DEMOCRATICO.**

Talvez, não longe, já sóa  
Da guerra o nobre clarim,  
Que liberdade resôa  
Com um echo que não tem fim?  
Mas foi a voz do poeta,  
Que falla como propheta,  
Que estruge na solidão  
Mais forte que o rouco estalo,  
Do trovão, que causa abalo,  
E dos ventos o tufão.

Foi do vate a nobre lyra,  
Que chorou a humanidade,

Foi uma alma que suspira  
 Pela santa liberdade:  
 Sonhaste?—Embora, poeta;  
 Teu sonho foi de propheta,  
 Foi divina inspiração:  
 Vel-o-has breve cumprido,  
 Quando o povo enfurecido  
 Bradar aos reis: maldição.

Desse grito desejado  
 Parece a hora chegar:  
 Vês o povo alli?—coitado!  
 Já não pode supportar.  
 Todo o orbe em lucta feia  
 Geme, chora, grita, anceia,  
 E despedaça o grilhão,  
 Que sobre os pulsos lhe peza,  
 Obra vil da realleza,  
 Do egoismo e da ambição.

Cedo vem; que a humanidade,  
 Tão propensa a progredir,  
 O que perdeu n'outra idade  
 Inda pode ressarcir.  
 Cedo vem; que o povo espera  
 Por essa ditosa éra  
 De salvação e de paz;  
 Cedo vem; qu'inda a esperança  
 Não a matou a tardança  
 Do tempo que fica atrás.

Então no dia tremendo,  
 Em que o povo se exaltar,

Qual leão, rugindo horrendo,  
 Hade os reis desmoronar.  
 Então a augusta bandeira,  
 Tremolando sobranceira,  
 Hade altiva aos ceus se erguer;  
 E, ávista das nações  
 Se rasgarão os pendões  
 Da tyrannia—a gemer.

Então da face da terra  
 A viração popular,  
 Partindo do monte á serra,  
 Da serra ao lindo pomar,  
 Varrerá do pavimento  
 Todos os reis n'um momento  
 Sem reserva ou distincção;  
 E o povo, que é pobre e geme  
 Ness'hora solemne extreme  
 Terá paz e salvação.

Pobre povo!—Espera o dia,  
 Que tão cedo chegará:  
 Tu gemes na tyrannia;  
 Mas teu gemer findará.  
 Mago sonho de um poeta,  
 Que advinha qual propheta,  
 Pregando a lei do Senhor,  
 Não é um sonho mentira,  
 É verdade que lhe inspira  
 Da natureza o author.

Vês poeta?—o mago sonho,  
 Que afagou-te a phantasia

Neste carcere medonho,  
Onde impera a tyrannia,  
Achou um echo em meu peito,  
Que tambem geme sujeito,  
Que tambem captivo é;  
Que tendo tanto soffrido,  
Inda não bate descrido,  
Inda tem esp'rança e fé.

Recife 2 de julho de 1853.

FRANCISCO ANTONIO CEZARIO D'AZEVEDO.

FIM.



## NOTA.

Pelo que escrevi como introdução a este livrinho, bem se pôde vêr que não tenho pretensões a litterato, visto como sou o primeiro a reconhecer, e confessar, a minha completa falta de habilitações intellectuaes, mas para que não haja engano a semelhante respeito, aqui o declaro solemnemente.

Nas composições que ahí ficam estampadas, tenho a convicção de que muitos devem ser os erros de grammatica, e innumeraveis os de arte, pois me fallecem, quasi que absolutamente, os conhecimentos de uma e de outra cousa; portanto, nem me surprehenderá o serem-me taes erros apontados, nem me queixarei contra quem, por ventura, se dêr ao trabalho de o fazer.

Póde muito bem ser que eu chegasse a fazer soffríveis versos, se houvesse tido uma educação regular, e um modo de vida que mais se harmonisasse com a cultura das musas.

Não tendo, porém, acontecido assim, consolo-me com a minha sorte, e não tenho a louca pretensão de aspirar a uma cousa que, já agora, se tornou para mim quasi impossivel.

O que se me pôde na verdade censurar, com alguma, ou antes com muita razão, é o ter eu consentido que se fizesse a publicação—em um volume—de composições escriptas simplesmente por distração nas minhas poucas horas vagas, e jamais com a idéa de que seriam um dia colleccionadas n'um livro; mas se o arrependimento pôde attenuar a culpa, o meu peccado deve estar já muito minorado, pelo infinito numero de vezes que me tenho arrependido desta minha condescendencia, ou antes deste arrojo.

Para seguir o uso universal, em casos identicos, eu deveria apresentar aqui qualquer desculpa, pela transcripção

que fiz do que se escreveo de lisongeiro sobre as minhas pobrissimas composições, terminando por declarar que o não fizera para as apadrinhar; mas como, se assim o fizesse, não dizia a verdade, a qual prezo acima de tudo, declaro que essa transcripção foi por mim feita justamente para tal fim, porque, continuando a ser franco, devo confessar que, apesar de estar, como já disse, convencido dos innumeraveis erros das referidas composições, e disposto a não oppôr a menor queixa contra quem, razoavelmente, os apontar, não está comtudo nas minhas forças receber com o mesmo agrado as censuras como os elogios, e assim, conhecendo de quanta *importancia* são na actualidade os *padrinhos*, quiz vêr se, transcrevendo esses elogios, que,—sem receio de ser desmentido—posso affirmar que não foram pedidos, nem encommendados, poupava a alguém o trabalho de me censurar, e a mim o desgosto de receber as censuras. Se me enganei paciência!

Com este proposito, pois, vou concluir transcrevendo ainda o que a respeito desta minha publicação disse o *Paiz*, periodico desta cidade, de 28 de julho p. passado:

POESIAS.

«O Sr. Germano Martins d'Assumpção vae dar á estampa em um volume algumas poesias do Sr. João Rodrigues de Oliveira Santos, negociante portuguez da nossa praça.

«Estas poesias escriptas sem outro fim mais do que distrahir-se nas horas de descanso dos trabalhos da afanosa vida de negociante, já são em grande parte conhecidas do publico, pois diversos jornaes as tem publicado.

«Todas revelam gosto e talento no auctor, e muitas são notaveis pela originalidade. O nosso publico que á trabalhos inferiores acolhe com tanta benevolencia, receberá este como um verdadeiro mimo feito ás lettras por quem emprehendeo a publicação.»

5 FE 37

# INDICE.

	PAG.
INTRODUÇÃO . . . . .	VII a XVIII
Portugal . . . . .	21
Recordações da infancia. . . . .	26
Pedido . . . . .	31
Regresso e mudança. . . . .	35
Que engano ! . . . . .	39
Um anjo . . . . .	41
Canto do Bardo . . . . .	45
Se quizesse . . . . .	50
O teu canto . . . . .	54
Ella. . . . .	58
Um instante de ventura . . . . .	60
A namoradaira . . . . .	62
Um sonho democratico . . . . .	64
O Pirata . . . . .	71
Soneto bachico . . . . .	78
O seu retrato . . . . .	79
Se te amo . . . . .	82
A um arroio . . . . .	84
Ao dia 1.º de dezembro. . . . .	86
O Portuguez . . . . .	88
Primeiro amor. . . . .	93
Declaração . . . . .	95
Os cães . . . . .	98
O vareiro . . . . .	102
O carreiro das estradas do Porto . . . . .	105
União . . . . .	108
Ciumes de um aldeão . . . . .	110
O extravagante . . . . .	113
O mão filho . . . . .	116
A meu filhinho . . . . .	119
Esposa e mãe. . . . .	122
O velho . . . . .	125
Paixão pelos doutores . . . . .	129
Mez d'agosto na minha aldeá . . . . .	130
A velha do Soalheiro. . . . .	136
Depois que te vi . . . . .	139
O meu retrato. . . . .	141
Ao Sr. J. R. d'Oliveira Santos . . . . .	143
Ao Illm. Sr. J. R. d'Oliveira Santos. . . . .	144
Nota . . . . .	149



NOMES DOS ILLM.<sup>OS</sup> SRS. QUE SUBSCREVERAM PARA A  
PUBLICAÇÃO D'ESTA OBRA.

**NA CAPITAL.**

Abel Francisco Corrêa Leal.  
Adriano José Gaspar.  
Agostinho Coelho Fragozo.  
Agostinho Ferreira Alves.  
Agostinho José Rodrigues Valle.  
Albano Duarte Godinho.  
Alberto Nadler.  
Albino José Moreira d'Almeida.  
Albino Martins Ferreira.  
Alexandre Eduardo Gonçalves Villas-Boas.  
Alexandre Ferreira da Veiga Lima.  
Alexandre José d'Almeida.  
Alexandre José Marinho.  
Alexandre Pereira Scabra.  
Alfredo Franklin Lima.  
Americo Bruno da Silva.  
Americo Columbiano Marques.  
Americo Vespuccio dos Reis.  
Antero José Machado.  
Antonio Affonso da Silva.  
Antonio Alves d'Oliveira Junior.  
Antonio Alves Palhete d'Araujo.  
Antonio Amaro Vieira de Souza.  
Antonio Augusto da Costa Leite.  
Antonio Augusto Rodrigues.  
Antonio d'Azevedo e Silva.  
Antonio Bento da Silva.  
Antonio Braule Freire da Silva.  
Antonio de Carvalho.  
Antonio de Cerqueira Pinto.  
Antonio da Costa Reis.  
Antonio Daniel Franco de Sá.  
Antonio Fernandes Alves.  
Antonio Ferreira Guterres.

Antonio Francisco Vinhas.  
 Antonio Gonçalves Lanarão.  
 Antonio Gonçalves da Silva.  
 Antonio (Dr.) Henriques Leal.  
 Antonio Joaquim d'Azevedo.  
 Antonio Joaquim Ferreira de Carvalho.  
 Antonio Joaquim de Lima.  
 Antonio Joaquim Ramos Villar.  
 Antonio José d'Araujo Lima.  
 Antonio José Baptista da Silva.  
 Antonio José de Bastos.  
 Antonio José Corrêa d'Azevedo Coitinho.  
 Antonio José Fernandes Guimarães.  
 Antonio José Gonçalves da Rocha.  
 Antonio (tenente-coronel) José Pereira Maya.  
 Antonio José dos Reis.  
 Antonio José Rodrigues.  
 Antonio José de Souza.  
 Antonio José Teixeira.  
 Antonio Lopes Ferreira, (2 exemplares).  
 Antonio Manoel de Carvalho.  
 Antonio Marcolino de Lima Gomes.  
 Antonio Marques Povoas.  
 Antonio (Dr.) Marques Rodrigues.  
 Antonio Martins Alves.  
 Antonio Pinto Querido d'Almeida Junior, (2 exempl.)  
 Antonio Ramos d'Azevedo.  
 Antonio Ribeiro dos Santos.  
 Antonio da Rocha Borba.  
 Antonio dos Santos Gomes.  
 Antonio dos Santos e Souza.  
 Antonio de Souza Guimarães Junior.  
 Antonio Teixeira Ribas.  
 Antonio Telles de Berredo.  
 Augusto Cezar da Fonseca, (2 exemplares).  
 Benedicto Francisco de Vasconcellos.  
 Benedicto José d'Almada.  
 Benedicto José d'Artiaga.  
 Bento José Esteves Dias.  
 Bernardino da Costa Neves.

Bernardiuo Maciel Rabello de Lima.  
Bernardo José Bento Nogueira.  
Bernardo José Pereira.  
Boaventura José Coimbra de Sampaio.  
Candido Breno Fernandes.  
Candido Cezar da Silva Rios.  
Candido Cezar da Silva Rosa.  
Cantidio Franco de Sá.  
Carlos Henriques da Rocha.  
Carlos Seidl.  
Cezar (Dr.) Augusto Marques.  
Cezar Cardozo de Moura.  
Claudio (Dr.) d'Araujo Guimarães.  
Custodio Pereira Botelho.  
Custodio da Silva Guimarães.  
Damaso da Costa Pereira.  
Daniel Araujo Franco de Sá.  
David Gonçalves d'Azevedo.  
Delfim da Silva Guimarães.  
Diogo Antonio Ferreira Guterres.  
Diogo Manoel de Souza.  
Domingos Alvaro Xavier Braga.  
Domingos Cearense.  
Domingos Ennes Pereira.  
Domingos Francisco Rios, (2 exemplares).  
Domingos Gonçalves Belchior.  
Domingos Gonçalves Branco.  
Domingos Gonçalves Nina Côco.  
Domingos José da Costa Bastos.  
Domingos José Maya.  
Domingos José da Silva Leite.  
Domingos José Teixeira Pena.  
Domingos Rodrigues Nobrega.  
Domingos Roque da Silva Junior.  
Domingos Soares da Silva Santos.  
Domingos Theotonio Jorge de Carvalho.  
Eduardo Augusto Placido.  
Eduardo Rodrigues Pinto.  
Elesbão Neves d'Almeida.  
Eusebio Moreira de Souza.

Fabricio Alexandrino Pereira de Castro.  
Felino Ludgero de Mello.  
Felippe Antonio de Sá Caldas.  
Firmino Ayres d'Almeida.  
Florentino Gomes de Freitas.  
Fernando Antonio Corrêa Junior.  
Fernando (tenente-coronel) Luiz Ferreira.  
Francisco Candido d'Azevedo Perdigão.  
Francisco G. Sabbas da Costa.  
Francisco Gonçalves dos Reis.  
Francisco (Dr.) Hygino Jansen Vieira de Mello.  
Francisco Januarío Guilhon d'Oliveira.  
Francisco Joaquim Vianna.  
Francisco José d'Azevedo.  
Francisco José Lopes Prado.  
Francisco José Ribeiro.  
Francisco J. R.  
Francisco José Rodrigues Lima.  
Francisco Libanio Colás.  
Francisco Lourenço Ribeiro da Silva.  
Francisco Rodrigues Lopes.  
Francisco Sabino Freitas dos Reis.  
Francisco Sotero dos Reis Junior.  
Francisco Xavier de Carvalho.  
Franklin Jansen Serra Lima.  
Frederico Augusto da Silva Guimarães.  
Frederico Guilherme d'Araujo.  
Frederico (Dr.) José Corrêa.  
Gabinete Portuguez de Leitura.  
Gaspar Lopes Ferreira.  
Gaspar Manoel de Mattos.  
Gentil (Dr.) Homem d'Almeida Braga.  
Guilherme da Fonseca e Souza.  
Henrique Eduardo Costa, (2 exemplares).  
Ignacio de Barros Lima.  
Ignacio da Costa Duarte.  
Ignacio da Costa Miranda.  
Ignacio Frazão da Costa.  
Ignacio Nina e Silva.  
Ignacio Veiga.

Izidoro Juvencio da Silva Barreiros.  
Jacintho Moreira d'Oliveira Guimarães.  
Jauuario Pereira Guimarães.  
Jeronymo José Tavares Sobrinho.  
Jerson Tavares.  
João (Dr.) Antonio de Carvalho e Oliveira.  
João Antonio Fernandes.  
João Antonio Rodrigues.  
João Arguelles Abranches.  
João Bento de Barros.  
João Cancio Pereira Prazeres.  
João Ferreira Baltar.  
João Germano Pereira Góes.  
João Gonçalves Guimarães.  
João Gonçalves Nina.  
João Gonçalves dos Reis.  
João Gonçalves da Rocha.  
João José Fernandes Silva.  
J. J. Hill.  
João Luiz Pereira Brandão.  
João Luiz da Silva.  
João Manoel de Freitas.  
João Marcellino Romeo.  
João Marques da Silva.  
João de Moraes Martins.  
João Pedro Ribeiro.  
João Pedro da Silva.  
João Pereira da Rocha.  
João Raymundo Pereira.  
João Rodrigues d'Oliveira Egas.  
João Rodrigues Saraiva.  
João da Silva Oliveira.  
João Tavares de Mattos.  
João Tavares da Silva.  
João Vianna de Mello.  
João Vianna da Silva.  
João Vicente Ribeiro.  
João Victor Calheiros.  
Joaquim Alves de Pinho.  
Joaquim Alves da Silva.

Joaquim Antonio Cantanhede.  
Joaquim Antonio Carneiro.  
Joaquim Antonio Ferreira de Carvalho.  
Joaquim Coelho Fragozo, (2 exemplares).  
Joaquim Corrêa Lima.  
Joaquim (Dr.) da Costa Barradas.  
Joaquim de Faria Guimarães.  
Joaquim Fernandes Dias.  
Joaquim Francisco dos Santos.  
Joaquim Francisco dos Santos Cruz.  
Joaquim José Domingues Lima.  
Joaquim José Moreira d'Almeida.  
Joaquim Luiz Ferreira.  
Joaquim Marcolino Cardoso.  
Joaquim Marianno d'Azevedo Perdigão.  
Joaquim Martins Gomes d'Amorim.  
Joaquim d'Oliveira Santos.  
Joaquim Peixoto da Costa Santos.  
Joaquim dos Santos Gomes.  
Joaquim da Silva Guimarães.  
Joaquim da Silva Mello.  
Joaquim Silverio Gomes.  
Joaquim Thomaz da Costa Bastos.  
José Alves Lages.  
José Alves do Valle.  
José Antonio Alves Pereira de Queiroz.  
José Antonio Gonçalves.  
José Antonio Macieira.  
José Antonio de Mattos.  
José Antonio Moreira.  
José Antonio Rodrigues de Moura.  
José Antonio da Silva Junior.  
José Candido dos Reis.  
José da Costa Azevedo Ramos.  
José Domingues da Silva Gomes.  
José Dorotheu de Castro Queiroz.  
José Feliciano Peralles Falcão.  
José Fernandes Garcia.  
José Ferreira de Britto Upton.  
José Francisco Arteiro.

José Francisco Lopes.  
José Frasnão da Costa.  
José Freixedas da Silva.  
José Gonçalves Branco.  
José Gonçalves Fontes.  
José Gonçalves da Silva.  
José Henriques Baptista.  
José Henriques da Silva.  
José Ignacio Fernandes.  
José Jacintho Ferreira.  
José Jacintho Ribeiro.  
José João de Souza Dias.  
José Joaquim de Castro.  
José Joaquim Esteves.  
José Joaquim Lopes da Silva.  
José Joaquim da Silva Guimarães.  
José (Dr.) Joaquim Tavares Belfort.  
José Lourenço Gomes.  
José Luiz Corrêa Gonçalves.  
José Luiz da Cunha.  
José Manoel Barboza.  
José Manoel Vinhaes.  
José Maria das Chagas Fernandes de Britto.  
José Maria Dias Ferreira.  
José Maria Macieira.  
José Marques Pinheiro.  
José Marques Rodrigues.  
José Martins Arêas.  
José Martins Dias, (2 exemplares).  
José Moreira d'Almeida, (2 exemplares).  
José Moreira da Silva.  
José Nepomoceno Frasnão.  
José Paes de Vasconcellos.  
José Pedro d'Almeida.  
José Pedro dos Santos Junior.  
José Pereira Pinto.  
José Pereira dos Santos.  
José Pinto Coêlho e Silva.  
José Pires de Moraes Rego.  
José Ricardo da Rosa Figueira.

José da Rocha Filgueiras Sobrinho.  
José Rodrigues d'Araujo.  
José Rodrigues d'Oliveira Cunha.  
José Theodoro da Silva.  
José (tenente) Thiago da Silva.  
Julio Cesar Augusto Macedo e Araujo.  
Julio Thomaz Costa.  
Justino Antonio Corrêa.  
Lazaro Moreira de Souza.  
Laurindo José Alves d'Oliveira.  
Leonardo (tenente) Luciano de Campos.  
Leonardo (Dr.) Marcolino de Lemos.  
Leonel Militão de Britto.  
Libanio Pedro dos Santos.  
Lucio Francisco Carneiro Junqueira.  
Luiz Antonio de Carvalho e Silva.  
Luiz Antonio Nunes.  
Luiz Baptista da Fonseca.  
Luiz Carlos Pereira de Castro.  
Luiz Ferreira Pimenta.  
Luiz Ferreira da Silva Junior.  
Luiz Manoel Fernandes.  
Luiz Marques d'Araujo Braga.  
Luiz (Dr.) Miguel Quadros.  
Manoel Affonso Martins.  
Manoel Alfonso Martins & Irmão.  
Manoel Alves de Barros.  
Manoel (Dr.) Alves Serrão.  
Manoel Antonio de Pinho.  
Manoel Antonio Rodrigues Pinheiro.  
Manoel Antonio dos Santos.  
Manoel Augusto da Silva Rios.  
Manoel Clementino d'Azevedo Troça.  
Manoel Dantas da Silva Lima.  
Manoel Domingues Vidal.  
Manoel Duarte Godinho.  
Manoel da Esperança Pereira Rego.  
Manoel Ferreira Campos.  
Manoel de Figueiredo Couto.  
Manoel Joaquim d'Azevedo Magalhães.

Manoel Joaquim Marques da Costa.  
Manoel Joaquim Sanches Luné.  
Manoel Joaquim Teixeira Primo.  
Manoel José Antunes.  
Manoel José Francisco Jorge.  
Manoel José Soares.  
Manoel José da Silva Balga.  
Manoel José Teixeira da Silva.  
Manoel Lopes de Castro.  
Manoel Martins Ferreira.  
Manoel Moreira Ramos.  
Manoel Pedro d'Alcantara.  
Manoel Pereira Guimarães Caldas.  
Manoel Ribeiro da Costa.  
Manoel da Silva Maia Junior.  
Manoel da Silva Rodrigues.  
Manoel Silvestre da Costa Santos.  
Manoel Soares Teixeira.  
Manoel Victorino José Nogueira.  
Marcelino d'Azevedo Ramos.  
Marcianno José Cottes.  
Maria (D.) das Neves Antunes.  
Marianno Maria da Matta.  
Martinus Hoyer.  
Matheus Gonçalves Souto.  
Mauricio Francisco Ferreira da Silva.  
Miguel Archanjo de Lima.  
Miguel Joaquim Machado Abreu Peixoto.  
Narcizo José da Costa.  
Nectario Rodolpho de Figueiredo Barros.  
Paulo Famoso da Cunha Souto Maior.  
Pedro Miguel Lamagner Barradas.  
Pedro de Souza Guimarães.  
Policarpo José da Costa Lobo.  
Raymundo Braule Freire da Silva.  
Raymundo Coêlho da Cunha, (2 exemplares).  
Raymundo Custodio Pinto.  
Raymundo Eustaquio Cantanhede.  
Raymundo Nonnato das Chagas.  
Raymundo Raphael Parga da Silva.

Raymundo Vieira Nina.  
Ricardo Joaquim Teixeira.  
Roberto B. Hall.  
Satyro Antonio de Farias.  
Salvador Gabriel Romero.  
Sebastião José de Mattos.  
Sebastião Pedro Nolasco.  
Septimus Sumner.  
Silvestre José d'Oliveira.  
Sudario Cezar de Souza.  
Theodoro (tenente-coronel) José da Silva Gama.  
Themistocles da Silva Maciel Arauha.  
Trajano Augusto Valente.  
Thomaz Martins dos Santos.  
Vicente Moreira da Silva.  
Viriato Maximo Pereira Ramos.  
Vital José Ferreira,  
Zeferino Ferreira Martins.

#### **NO ARARY (Mearim).**

Antonio (tenente) da Costa Ribeiro.  
Antonio (alferes) Felipe Pimenta Bastos.  
Antonio Luiz Soares.  
Caetano Raimundo dos Anjos.  
Domingos José Pereira.  
Francisco Bonifacio Ramos.  
João (padre) Francisco Coêlho.  
João Lopes Teixeira.  
João Olivio d'Alreu.  
Joaquim (alferes) Duarte Fernandes.  
José Romão Lopes Soares.  
Leocadio (tenente-coronel) Antonio Boga.  
Lourenço Boga do Valle.  
Manuel Benevenuto do Nascimento.  
Manuel (coronel) Lourenço Boga.  
Pedro (capitão) José da Ericeira.  
Raymundo (tenente) Benedicto Fernandes.  
Thyago (alferes) Justinianno da Silva.

## **EM ALCANTARA .**

Manuel Pinto Nunes.

## **EM CAXIAS.**

Albano Pinto de Moura.  
Alipio Justiniano de Miranda.  
Amphiloquio C. da Silva Prego.  
Antonio da Cunha Rabello.  
Antonio José Villa-nova.  
Bernardo José Couto.  
Candido Alves de Carvalho.  
Cecilio José Couto.  
Cezar Francisco de Negreiros.  
Coriolano Martins Corrêa.  
Domingos Desiderio Marinho.  
Felintho Elycio Fernandes de Moraes.  
Francisco Joaquim Cerejo.  
Francisco Sabino d'Oliveira.  
Francisco de Souza Vaz Junior.  
João Barbosa Ferreira.  
João Ignacio de Carvalho.  
João Manuel d'Almeida Braga Junior.  
João Manuel Gonçalves Dias.  
João (Dr.) Pedro dos Santos.  
Joaquim José Gomes.  
Joaquim José da Silva Viveiros.  
Jorge José da Costa.  
José da Costa Pinheiro de Britto.  
José Gonçalves Dias.  
José Joaquim Pereira dos Santos.  
Lafayette Fernandes de Moraes.  
Lucio dos Santos Ramos.  
Manuel Gonçalves Costa.  
Marianno Alves Pacheco.  
P. J. J. Guimarães.  
Simplicio José da Silva.

## **NO CODÓ.**

Benedicto Raymundo Ewerton.

Francisco Raymundo Vianna de Magalhães.  
Francisco Salazar Sanches.  
Joaquim Francisco d'Aguiar Cantanhede.  
Melciades Palacio.  
Manoel Francisco de Jesus.

#### **NO ICATU'.**

José Antonio d'Azevedo Guimarães.

#### **NO ITAPECURU'-MIRIM.**

Carlos (capitão) Augusto Nunes Paes.  
Francisco Alves dos Santos Carneiro.  
Raymundo Nonato Ribeiro.

#### **NO MEARIM.**

Francisco Bonifacio Ramos.

#### **NA MERITIBA.**

Agostinho José Simões.  
Antonio José Machado,

#### **EM SÃO BENTO.**

Antonio Augusto Corrêa de Castro  
Francisco (capitão) Antonio Ferreira,  
João Manoel Gomes Tinoco,  
João Miguel da Cruz.  
José Daniel da Costa Pinheiro.  
Manoel José Ferreira da Motta.  
Mariauno da Silva Britto.

#### **NO URUBU'.**

Innocencio dos Santos.

#### **NO PARÁ.**

Antonio Francisco da Silva.  
Antonio Gonçalves Bernal.  
Antonio José Soares.  
Antonio Manoel de Noves Sobrinho.  
Antonio da Silveira Fayal.  
Antonio Vieira Lima e Silva.  
Balduino Elias d'Oliveira e Mello.

Bento de Figueiredo Ferreira Aranha.  
Bernardo Ferreira Pacheco Guimarães.  
Camillo Henriques Salgado.  
Custodio de Souza Pinheiro.  
Custodio Vieira Novaes.  
Francisco Salles de Mello Freire Barata.  
Francisco Xavier Rodrigues de Moraes.  
Gentil Augusto Mendes Ruas.  
Idalino de Mattos Guerreiro.  
Ildefonso Corrêa dos Santos Almeida.  
João Baptista do Livramento Ferreira.  
Joaquim José Domingues da Silva.  
Joaquim Mamede Costa.  
Joaquim Pastor e Silva.  
Joaquim Xavier do Espirito Santo.  
José Thomaz Ponte e Souza.  
Jeronymo Antonio Tanellas.  
Julio Cesar Corrêa Lima.  
Juvencianno José Moreira.  
Luiz Bernardo Perdigão Roza.  
Luiz Francisco Torres.  
Manoel Antonio Lopes Pereira.  
Manoel C. Pereira de Mattos.  
Manoel Mendes Pereira.  
Manoel da Ponte e Souza.  
Pedro de Mello Marinho Falcão.  
Pedro Miguel da Cunha.  
Primo Feliciano Simões da Silva.  
Ricardo Marques d'Oliveira.  
Roberto Marianno Heskett.

#### **NA PARNAHIBA.**

Albino Gonçalves da Silva.  
Anibal J. S. Conrado.  
Antonio José Amalio de Miranda.  
Daniel Joaquim Ribeiro.  
Domingos Francisco Leite.  
Firmo José Galvão.  
Francisco Florindo da Silva Castro.

Francisco José Pires.  
Frederico J. Ridguay.  
Gregorio Thanmaturgo.  
H. Antonio M.  
Ignacio Fernandes Mendo.  
Ignacio José Caetano da Silva.  
João Antonio de Lourido.  
Joaquim Antonio Gonçalves.  
Joaquim de Paula Pessôa de Lacerda.  
José Alves d'Azevedo Pereira.  
José Antonio Corrêa.  
José Antonio Ferreira Sampaio.  
José Florindo de Castro.  
José Francisco de Barros Junior.  
José Pedro da Silva Pombeiros.  
Manoel Joaquim de Souza.  
Prudencio José Botelho.  
Raymundo do Rego Lima.  
Urbano de Moura.

#### **EM PERNAMBUCO.**

Alexandre José da Silva.  
Alfredo Prisco Barbosa.  
Antonio Alves de Carvalho Vêras.  
Antonio da Costa Ribeiro.  
Antonio Ferreira da Silva Maya.  
Antonio da Fonseca e Silva.  
Antonio Joaquim Gonçalves Fraga.  
Antonio José Duarte Braga.  
Antonio Leite Guimarães Bastos.  
Antonio de Souza e Oliveira.  
Bernardino Lopes d'Oliveira.  
Bernardino da Silva Costa.  
Casemiro José da Silva.  
Christovão Gomes Pereira.  
Custodio Antunes Guimarães.  
Domingos da Fonseca Suzano.  
Elias Rodrigues Sequeira.  
Felisberto Ferreira d'Oliveira.  
Francisco Ignacio Ferreira.

Francisco José de Azevedo.  
Francisco José Moreira.  
Francisco Pereira da Silva.  
Francisco da Silva Cardoso.  
João Antonio Coêlho.  
João Baptista Gonçalves Bastos.  
João Bernardo da Costa Rego Monteiro.  
João Jacintho de Medeiros Resende.  
Joaquim Antunes da Silva.  
Joaquim Ferreira d'Aranjo Guimarães.  
Joaquim de Faria Machado.  
Joaquim Pinto Vieira.  
Joaquim dos Santos Azevedo Junior.  
Joaquim da Silva Costa.  
Joaquim Silverio de Souza, filho.  
Joaquim de Souza Neves.  
José Antonio da Costa e Sá.  
José Antonio Machado.  
José Antonio Maya.  
José Joaquim Gonçalves Bastos.  
José Lopes da Silva Guimarães.  
José Maria Gonçalves Vieira Guimarães.  
José Maria Nunes.  
José Pereira Bastos.  
José Pinto de Magalhães.  
José Ribeiro da Silva.  
José Rodrigues da Silva Rocha.  
José Soares Leite da Costa.  
L. A. Salazar Junior.  
Luiz Eloy Durão.  
Manoel Bento d'Oliveira Braga.  
Manoel Ferreira Pinto.  
Manoel Gomes Leal.  
Manoel Joaquim da Silva Guimarães.  
Manoel José de Miranda.  
Manoel da Silva Sampaio.  
Manoel Soares Pinheiro.  
Mariano Pereira Cabral.  
Severiano Bandeira de Mello.  
Veriato Centeio Lopes.

5 FE 37







